



Dom Thomás de Noronha

1800

1800

1800

Os contos que hoje apresentamos ao publico, foram escolhidos na collecção que o seu auctor nos mostrou ha tempo. Ha nessa collecção outros contos passados em cidades da India ingleza, em Estados indigenas, com scenarios que o auctor visitou e personagens bem observados. Escolhemos comtudo estes quatro por serem d'esta terra, por se poderem até chamar «Contos de Gôa» e porque, além d'isso, são tão differentes uns dos outros que bem podem dar uma amostra da malleabilidade do espirito do auctor dos «Contos da India».

O MEU GUIA

Eram onze horas da manhã do dia 13 d'abril. A India em abril é como a cabeça de qualquer conselheiro com dois copinhos de *cognac*.

Eu tinha construido uma luxuosa barraca de ólas na orla dum palmar batido pelas ventanias do Indico. Que habitação paradisiaca! As paredes de grande altura estacavam um metro antes do tecto. Este apoiava-se nas quatro palmeiras, que serviam de cunhaes

áquelle edificio primitivo. O ar circulava por isso livremente na parte superior da barraca e as janellas eram abertas á navalha por toda a parte, /onde a a/ viração acudisse com mais frequencia e frescura. Por cima da porta principal havia um alpendre, tambem de ólas e bambús, quasi sempre humedecido pela bruma do Oceano.

D'ali via eu o mar a bater nas rochas e a vestí-las de espuma. Ouvia o ramalhar dos coqueiros, que muitas vezes me acordavam, quando alguma palma roçava nas suas comadres entrançadas e seccas, que formavam a cobertura da minha casa de verão.

Era a esta hora que o vento se levantava, todos os dias, e o mar se punha a render-lhe a passagem com a espuma leve das suas ágoas inquietas. As ondas batiam na praia com um estampido atroador e, galgando os penedos,

salpicavam o alto cruzeiro do môro de Baga. A praia estava solitaria e o Oceano deserto. Desde a pequena ponta de Baga até á fortaleza da Agoáda,— numas bôas tres legoas de costa bravia,— só a areia rebrilhava incendiada pelo sol, como um Tantalo imóvel, sequioso, resequido, entre a frescura das ágoas e a sombra das arvores.

A minha vizinhança, pela frente, era a costa d'Africa Oriental, que o oceano encobre com outra gente, outra hora e outra estação. Por traz da barraca, através de mais dum kilometro, areia e coqueiros... e depois areal, sempre areal! Que isolamento!... se se estivesse isolado, tendo na frente aquelle oceano, velho rhapsoda, em estado de contar as suas lendas carregadas de despojos divinos e as suas historias cheias de vidas de mussulmanos e portuguezes. Ninguem. Os pescadores, que

me tinham vendido uma tartaruga enorme, haviam já desaparecido para além do monte, que um braço do mar separa da praia. A tartaruga, ainda lustrosa, olhava tristemente surprehendida para aquelle céo azul, que era tão monotono, tão differente dos abysmos mysteriosos, onde ella vivia ha seculos— talvez! Habituada ao pezo das massas de água, que a sua concha sustentára sempre, resfolegava dolorosamente, na leveza da atmospherá sêcca e relativamente rarefeita. Lançou-me por fim um olhar de supplica e rojou-se com um esforço inhabil, através da praia, até á borda do mar. Entrou serena no seu reino, levando apenas para lá a historia momentanea desta atmospherá ardente e do meu olhar compassivo. Como os amphibios não cultivam a geometria decrepita dos homens, aquella captiva indolente, que pudera ter cor-

tado a praia em cinco ou seis movimentos da sua marcha difficultosa, foi para o mar numa longa diagonal. Os seus movimentos tinham deixado na praia um rasto visivel, por onde os meus olhos iam ao encontro do mar.

Subitamente, como se a tartaruga tivesse tomado a figura humana, surgiu d'ali um corpo, que me pareceu muito leve e de movimentos faceis. Empunhava uma vara pezada e comprida como aquelle tronco de pinheiro da lenda de Hütt.

De vez em quando erguia o braço e, desenhando no ar gestos vigorosos, rapidos, elegantes, açoitava o mar com um furor olympico. Caminhava sempre. Mais de perto vi a agitação dos seus labios e pude adivinhar as apostrophes fecundas, que eu não lograva entender. Pouco tardou que eu pudesse fixar o fogo sobrenatural dos seus olhos chis-

pantes. Que extranha apparição aquella! Foi, observando meio estonteado, ora a mobilidade quasi fluida d'aquella musculatura rija, ora o garbo da sua marcha triumphalmente petulante, que eu senti uma tremura de nervos, na idéa medrosa de que elle viesse para mim. Com effeito, ei-lo que avança de frente para a porta da minha barraca. Pensei, por alguns momentos, refugiar-me precipitadamente lá dentro, mas, quando o seu primeiro olhar me varou de lado a lado, senti-me pregado ao chão e fiquei. A' medida que se approximava, todo elle crescia. Crescia-lhe o peito nú, que uma respiração alentada não fartava nem prehenchia. Cresciam-lhe os braços herculeos. Alargavam-se-lhe os hombros, como se viessem para sustentar dois mundos. Pendia-lhe da cintura um tecido lucido, muito leve e branco como as rendas de espuma. com que

o mar recebe os primeiros sôpros do vento. Cahiam-lhe sobre os joelhos esses restos de marinha tunica.

Os pés enormes, em proporção com o corpo enorme, tinham todos os movimentos, todos os geitos, todas as linhas, que a escultura não creou mais, desde que os banhos, os gymnasios, os jogos d'Athenas e de Roma deixaram de fornecer os modelos das obras primas, que ainda hoje se vêem no museu de Napoles. Trémulo, com a cabeça entontecida, como após um esforço de imaginação, fui alteando a vista por aquelle gigante de perfeições, e a barba clara como o pedaço de tunica, que lhe cahia sobre os joelhos, estrigava-se-lhe por todo o peito. E naquella cabeça dominava uma fronte mais altiva que a dum Cezar romano, e o sobrolho voluntarioso dum deus. Na immobildade do meu assombro, estive muito

tempo sem poder despregar os olhos, da belleza sem banalidade, da magnitude d'aquelle corpo formidavel, ao pé do qual as grandes estatuas de Budha me appareciam na memoria, como a representação ridicula duma divindade.

O meu alpendre não ia além do roseo tornozelo d'aquelle figura extraplanetaria, e os coqueiros esguios, que ramalhavam por cima da minha barraca, deixaram de ver o sol, sempre que elle extendeu os braços poderosos, naquelle dia.—Tal era a figura do homem, que viera crescendo e approximando-se, approximando-se e crescendo, até á minha barraca, assustadoramente!

Porque sahira das ágoas do Indico aquella maravilhosa criação ou aquella creador de maravilhas?!... Porque se moviam com a leveza do vento aquelles membros perfectos e mais que perfectos — immensos?! Do esplendor

dos seus olhos resaltava a convivencia com os astros. Se os suores d'aquelle fronte eram effluvios ultradynamisados, em presença dos quaes as particulas odoriferas, que nos trazem o aroma dos corpos distantes, e todos esses imponderaveis, que os nossos sentidos rudes tiveram largo tempo por incorporeos, não passavam de grosseiras materialisações, porque sahira elle dos abysmos obscuros dum mar equatorial? Seria uma monstruosidade marinha? Varuna, Neptuno, seccando ao sol da India os diluvios que jorravam dos pavilhões espaçosos dos seus ouvidos e das azas dilatadas das suas narinas offegantes? Mas a sombra do seu corpo admiravel não espalhava o cheiro acre da maresia. Pelos membros aligeiros nem a concha duma ostra, nem um busio; nenhum ramo de coral emmaraanhado nos cabellos brancos, compridos

e revoltos d'aquella cabeça prodigiosa; nenhuma perola escondida nos recessos das suas axillas ! Não era pois do mar aquella criação maravilhosa ou aquelle creador de maravilhas.

Quem era?... D'onde vinha?... Uma curiosidade misturada de terror fixava-me ali, numa hesitação expiatoria. Um deslumbramento extra-humano me arrebatou depois, quando a sua voz veiu em ondulações descendentes enovellar-se voluptuosamente nos meus ouvidos profanos. A principio nem quiz saber o que havia naquellas harmonias amaciadas pela distancia. Mas, quando já tinha indemnizado os meus ouvidos de todas as desafinações terrestres de trinta annos de existencia sub-lunar, fui-me engodando na idéa de entender o sentido, talvez inassimilavel, d'aquellas symphonias inéditas, novas, que pareciam palavras.

A' medida que eu me absorvia inteiramente naquella musica incompre-hensivel, as suas grandes orbitas arqueavam-se como dois firmamentos docemente illuminados, á luz dos quaes a cerração tenebrosa do meu entendimento humano se ia descondensando como as nebrinas duma manhã estival aos primeiros raios dum sol insaciavel.

Pareceu-me, então, que elle me dizia quem era.

Um viajante dos espaços, que percorria o ether inter-sideral, de constellação para constellação. Visitava estrelas ignoradas e condescendia tanto com uma curiosidade deprimente,—talvez o estigma derradeiro de algum atavismo remoto,—que até apparecia ás vezes em planetas de categoria infima, sem luas, sem anneis e sem dimensões condignas.

Por occasião da sua estada no sol ouvira fallar nesta trapeira obscura do

Universo, a que nós chamamos pomposamente a Terra. As aves luminosas, que são a humanidade do astro que nos distilla, tinham-lhe contado o caso da aparição dum animal audacioso, que fôra lá julgado e inesperadamente absolvido do seu crime nefando: ousára internar-se nas regiões do Sol!... Esse bipede sem azas, intruso desgraçoso e gêbo,— que deveu a sua absolvição á eloquencia reconhecida de um papagaio, outrora amimado na Terra,—a quem as aves do Sol reportaram uma narrativa cortada de interjeições, era Cyrano de Bergerac. Se, portanto, a Terra, este planeta infantil, mas entrevadinho e mortifero, tinha a gloria de estar naquelle momento ajoujada, sob o pezo dum hospede formidavel, a Cyrano o devia. Quem se lembraria no Sol, em Syrius, no Orion... e até na Estrella Polar, com que nós tanto enchemos a

bocca, desta bola de argila e água, tão pobre de mineraes, com uma vegetação enfezada e trabalhosa, com uma animalidade que se extermina?!...

Não foi para me interrogar que elle adaptou a voz á exiguidade dos meus recursos auditivos. Não se desencadeou num interrogatorio impertinente, como fazem, em regra, todos os viajantes, quer desçam dos espaços illimitados do firmamento azul, quer subam dos confins de algum valle sertanejo, obscuro, donde nunca tenham sahido anteriormente. No seu olhar havia o desgosto duma contricção mal encoberta. Era o arrependimento de ter vindo á Terra. Como o Indico lhe parecera acanhado, quando, após a sua travessia, o profundára, tentando um banho reparador!

Depois, foi encurtando a vista sem

horizontes, até ás supremas altitudes do Hymalaia, a ver se podia assim exercitá-la a ponto de a circumscrever á estreiteza do hemispherio que o sustentava.

—A Terra!..

Suppuz que me perguntava por este pousio... Respondi-lhe com um signal affirmativo.

—Na Terra!.. repetiu elle— e abandonou-se com todo o seu pezo. O nosso planeta entrevadinho sahi então da sua orbita, cambaleou e teria perdido o logar no equilibrio dos corpos, se aquelle desconhecido, admirador da harmonia das esphas mais ou menos arrombadas, não se tivesse subtilizado de prompto. Alijada a Terra da mole colossal, que, pezando em cheio sobre ella, nos precipitaria em vertiginosa quéda, com gelos, erupções, nuvens, atmosphaera, através do ether,--- em fla-

grante desmentido á perpetuidade das leis de gravitação agora em vigor,—pude, sem mais perturbações de ordem astronomica, escutar aquella palavra, que a sua bocca tornava musical.

—A Terra!..modulava elle,—a Terra! e um sorriso a encrespar-lhe os labios, como duas nuvens parallelas, eriçadas pelo vento e incendidas num arrebol d'estes poentes da costa do Malabar. E eu tremia... não executasse elle qualquer das zombarias occultas neste sorrir humorado, fazendo a Terra dar alguma piruêta imprevista. Não era tanto o receio deste cataclismo que me alarmava; era o pavor de que elle puzesse em confusão sabios, sciencias e todas essas envelhecidas associações de idéas, que auctorisam previsões infalliveis e garantem a monotona successão do dia de amanhã, do mez proximo, do anno que vem, como as folhinhas os assignalam.

Mas, felizmente, aquelle sorriso era uma reminiscencia. Talvez do seu espirito voasse uma ironia veloz para esses tempos em que a philaucia e o egotismo dos nossos avós preclaros, faziam passar esta bola de argila e ágoa, pela soberana unica do Universo; —quando ella ainda assistia, orgulhosa e convicta da sua immobilitade, ao desfilar, em continencia marcial, de todos os corpos celestes!

O caso é que, por algum tempo, não pude ser superior áquelle sorriso, que me susceptibilizava nos meus pruridos briosos de filho honesto do globo ironicamente desdenhado. Elle, porém, não reparou nos vapores cinzentos da minha indignação e continuou sorrindo, sorrindo sempre... A Terra!.. a Terra que elle enxergava agora num unico golpe de vista, d'aquella vista sem horizontes, habituada a cruzar os espaços

intersideraes.

—A Terra, sim! exclamei eu,—como um cavalleiro nobre que sacode um aviltamento,—perdida a tibieza, a continencia, que a enormidade, a formosura e o esplendor estellar da fronte do meu interlocutor deviam impôr-me:—a Terra... e estaquei. Quiz interpretar aquelle desdem humorado. combatê-lo: mas sobre a philaucia dos antigos estava a suggestão invencivel d'aquelle ser maravilhoso, e eu não via senão o lavrador, a fechar os seus dias, extenuado, coberto de suor e de poeira, para arrancar alguns pães á Terra dura. Contemplei o mar e senti a fadiga das vagas, o enfadamento da sua evaporação permanente a condensar as nuvens para alagar os montes, para engrossar os rios, que voltam a contentar os Oceanos. Lembrava-me das mesmas flores sobre as mesmas arvores na primave-

ra e da invariavel primavera, todos os annos, com os mesmos luares e até com os mesmos poetas! da quéda das folhas, que o outomno avermelha, amarellece, secca, para voltarem com a primavera, num esforço inutil de renovação. E o homem sempre embevecido perante estes torneios invariaveis no mar e na terra! —terra e mar que nem sequer lhê dizem—quem é, d'onde veiu, para onde vae?... e cada vez mais ignorante da sua origem, rebuscando, entre os fosseis, uma costella, um frontal, um fémur... que o apeie da ascendencia paradisiaca para o ligar a progenitores simianos embora, mas com uma, duas, tres provas de legitimidade irrefragavel:

Nada, absolutamente nada! Investigações transmittidas de paes a filhos, de escolas a escolas, de seculos a seculos... e a Terra sempre mysteriosa

como um emboscado, calada como a prudencia dos velhos, fechada e unida como um diamante. E o homem sempre embevecido, deslumbrado com os seus aspectos, refarto com as suas migalhas difficultosas e raras vezes descontente com os seus retrahimentos obstinados, se lhe pede a extincção duma duvida.

Por fim, cansado de procurar em vão alguma coisa que restabelecesse os creditos fallidos do nosso globo, gritei com toda a emphase de que os meus nervos fôram capazes:—a Terra, sim! a Terra, que produziu o homem!

Foi então que os sorrisos vieram aos pares... e os pares eram como duplas rajadas de vento nos polos, como duas satyras. Entre elles apparecia pronunciado com negligencia, como o echo escarnecedor da minha phrase, o derradeiro vocabulo—homem!

Exaltei-me. Não havia outro caminho.

Tinha a reputação da minha espécie dependente da minha intrepidez. Era forçoso gritar para fortalecer com o estrondo algumas palavras articuladas a medo:—gritei.

Jupiter também não foi mais longe na sua argumentação; Menippe que o diga.

Entendi depois que devia aparelhar, ali mesmo, a apologia desse animalejo, que me obrigam a ter por meu semelhante, e pelo qual não morro de amores! Organizei o elogio. Mas, quando forjava a isagoje do meu pleito *pro homine*, eis que passa por ali um pescador.

Elle apontou-o com um gesto que apenas significava:

—Isto?!..

—Isto, sim! Redarguiu toda a dignidade de ser humano, que então pude arranjar. Sim, isto! mas immortalizado

pela arte immortal; protegido pelos costumes de *sympathia* e de vingança, que através das gerações se foram transformando em grandes sentimentos; intellectualizado pelas facilidades com que a natureza o tem favorecido...

Ia continuar... fazer-lhe a historia das grandezas humanas. Restaurar com o meu entusiasmo as telas sumidas ou mal retocadas das epopêas. Krichna-Davâipâyana, aquelle que tomou o cognome de Vyâsa, por ter compilado os Vedas, lembrava-me o seu poema colossal. A harmonia dos slôcas do Mahabharata revoava de novo em torno dos meus ouvidos. O muni, o filho de Satyavati, abdicando da sua genealogia celeste, vinha, como simples homem, propor-se, por intermedio do meu entusiasmo, á admiração do meu Guia. Mais fecundo do que Moysés, ei-lo sentado, o melhor dos richis, recitando-me o Purâ-

na, que foi venerado pelos Suras e Bra-
marchis. Episodios sobre episodios, to-
dos impregnados do sentido subtil do
Nyâya e ornados da substancia dos Ve-
das, esta epopêa gigantesca empolgava
quasi toda a minha memoria. Essa bi-
bliotheca em fórma de poema, — visto
que lá se encontram a historia, numa
complicada exposição genealogica, tra-
tados de theologia, philosophia, legisla-
ção e politica, — atrahia-me para a nar-
rativa caudalosa da guerra entre os fi-
lhos dos dois irmãos Pandú e Dhritarâ-
chtra, que disputaram o poder supremo
na India.

Os receios de Indra na lucta com
Vritra, o Prometheo da India; esse con-
to magnanimo, onde a idéa de que os
mundos subsistem apenas pelas auste-
ridades transparece a cada passo; o or-
gulho imponente dos brahmanes, sup-
pondo o homem capaz de merecer a

veneração dos deuses, desde que o
extase e as mortificações na solidão
das florestas ou o seu valor, como
heroe, o tenha purificado bastante;
o celebre episodio de Nala, a lenda
admiravel de renuncia d'A Pomba e o
falcão, repontavam com vivacidade
mais do que necessaria para resusci-
tar essa narração sagrada, cuja lei-
tura beatifica. Desde o Adi Parva até
ao Svargârôhana, desde a genealogia
dos heroes até á apotheose, que nos
mostra Yudhichthira, entrando no céu
com o seu corpo, tudo havia de reço-
mar ali, para que a gloria do hypotheti-
co auctor ou compilador do poema nos
acreditasse. O meu Guia de certo não
ousaria recusar emoção e assombro ao
quadro soberbo da dôr suprema, que
atormenta Yudhichthira, quando encon-
tra no céu Duryôdhana e os outros fi-
lhos de Dhritarâchtra, mas não vê os

seus irmãos nem a sua mulher Drâupadî. Conduzido por um mensageiro dos deuses ao logar dos supplicios infernaes, onde tudo inspira desgosto e horror, o seu primeiro movimento é de voltar, fugir... mas ouve, neste momento, vozes conhecidas, que lhe pedem entre gemidos para ficar, porque a sua presença já lhes abrandou os soffrimentos. Então pára; torna a escutar... domina-se... e por fim, sofrendo o terror, vencida a repugnancia, immola-se. E' a prova suprema. Os deuses veem depois e applaudem o seu desinteresse virtuoso, a maior das renunciias, a sua renuncia absoluta. Todos os horrores, que se eriçavam pelos caminhos do soffrimento eterno, se dissipam; os parentes e os amigos sobem com elle para o seio de Brahmâ. Numa caricia restituiu-lhes o deus as existencias celestes, a quietação nirvanica, de que se

tinham apartado, momentaneamente, enquanto andaram combatendo na Terra, ao lado de Krichna, pela extincção do mal.

Dante,— a quem a mão de Virgilio guiou através dos circulos concentricos dum inferno graduado, onde os suppliciados eternos soffrem na insipidez, na amargura, no desespero, a antevisão de dores cada vez maiores, sempre continuadas, sempre em cruel aperfeiçoamento,— não teve a doce ternura, a abnegação sentimental de Yudhichthira!..

Ainda Vyâsa apertava commigo para que não esquecesse as instancias feitas a Indra pelo melhor dos seus heroes, a favor do unico servo leal que o acompanhára desde Hastinapura até á hora da libertação, e já Valmiky me abordava, sobraçando o seu poema

tambem sagrado.

O rapto de Sitâ, os trabalhos de Ramâ, a sua alliança com Balî, rei dos macacos «magnanimos», o esplendor do triumpho alcançado sobre Ravana, a conquista da Lanka... logo affluiram ao meu espirito, e as imagens vinham todas cheias de luz. Parecia-me ouvir a voz do velho Daçarâtha, caminhando a pé com Kâauçaliâ, atrás do carro de Ramâ, quando este filho dilecto lhes foge para a floresta:

Ah! Ramâ! Ah! Sitâ!... deitem ainda um olhar—para mim!...

E este grito de Daçarâtha recordava-me a supplica de Priamo, quando Achilles recusa sepultura ao seu filho Heitor.

E Ramâ não volta...

A saudade e o presentimento da morte, que levam o velho Daçarâtha a contar uma noite, a sua ultima noite, a

Kâauçaliâ, a esposa dilecta do monarcha, o episodio que turvou a sua limpida adolescencia, haviam de me pôr lagrimas na voz.

Eu bem via os tristes anachoretas, velhos e cegos, á espera do filho, como dois passaros com as azas cortadas. Reproduziria como Daçarâtha o monologo do asceta perante o corpo immovel do filho, morto pelo xatria:—«Levanta-te! Vem! Não reconheces teu pae, que veio até aqui com tua mãe? Toma, meu amigo, os nossos pescoços juntos nos teus braços! A que doce voz ouvirei na floresta a leitura dos Vedas, durante a noite que se aproxima, com um desejo igual ao teu de apprender os dogmas santos?»

«Quem virá ámanhã dos bosques trazer-nos as raizes e os fructos silvestres, a nós, pobres e cegos, que teremos de os esperar mortos de fome?»

«Alcança, meu filho, o mundo dos heroes que não voltam ao circulo das transmigrações!»

Ao rapto de Sitâ associava o rapto de Helena; com a aliança dos povos do norte aos do sul, (os macacos da epopêa de Valmiky), na expedição contra a Lanka, emparelhava a expedição dos gregos para a Asia menor. Até o arco de Chivâ, que Ramâ dobra e quebra para merecer a linda Sitâ, formosa encarnação de Laxemi, filha do rei do Vidêha, Djanaka, me aproximava dos gregos, pela semelhança com o arco que Ulysses teve de curvar para que Penélope o reconhecesse. Estas afinidades puxavam-me para o mundo hellênico. Ainda Manú, Kalidaça e outros dilectos do Ganês, o Vichnú dos intellectuaes, pretendiam tomar-me a passagem, quando as mura-

lhas de Troya se alteavam já defronte da minha imaginação e todo o meu peito se confrangia com o sacrificio de Ephigenia em Aulida, com o desamor ambicioso de Agamémnon, com o desastre de Patroclo. Pensava na furia de Achilles, na supplica do filho de Laomedonte e dizia, de mim para mim, cheio de confiança:— Homero era um homem! E com a garantia desta simples phrase cheguei a projectar descrever as aventuras de Ulysses . . . a enganar o monstruoso Polyphemo, a refestelar-se com Calypso, a banhar-se candidamente em casa de Alcino

Já Aristoteles andava a puxar-me pela lingua, lastimando-se dos maus tratos que lhe teem dado e exigindo de mim a sua rehabilitação.

Na minha cabeça houve um toque de rebate e todas as cellulas, em disponibilidade quasi garantida, eram chama-

das a capitulo para contar, ao sorrir desdenhoso do meu Guia, as grandezas da humanidade.

Lembrei-me tambem do maravilhoso Heródoto, com as suas ingenuidades contra as cruezas de Cambyses, a lenda pittoresca de Polycrates, o seu fabuloso Egypto e aquelles indios que comiam os paes depois de mortos!.. Queria fallar de Alexandre e pôr tres grandes **AHS!** na respiração; citar o palavriado de Tito Livio, com os seus generaes bem fallantes; Suetonio, com os Cezares a distillarem vicio e grandeza; e Tacito, o censor minucioso, a querer soffrear, com o freiosinho da sua critica embryonaria, o pujante excesso de vida dum povo impetuoso e grande.

Ambicionei a bibliotheca da Academia Real das Sciencias para attestar,

bem alto, o valor incerto do homem, no tempo dos frades e da cavallaria, com cada *in folio*, que lá se aguenta, apurado, de entranhas roidas, numa immobildade assegurada pelas suas dimensões e pela poeira dos seculos. Tinha quasi a certeza de o surprehender com os rebrilhos da Renascença, com as descobertas e conquistas da minha gente.

Desejava ouvi-lo sobre Julio Cezar, a maior envergadura humana: escriptor, politico, orador, militar! Apontar-lhe Albuquerque, o grande portuguez que accrescentou á bravura o genio politico. Fallar-lhe de Akbar, de Cromwel, de Pedro o Grande da Russia—pela bocca de Voltaire,—de Napoleão!... Havia de lhe indicar algumas odes de Horacio, fragmentos de Lucrecio; declamar-lhe versos do Hamlet!

Fizera o juramento solemne de pôr para ali tudo, desde os tijolos da

bibliotheca de Assurbanipal, as pyramides, com as inscripções que immortalizam bandidos, o Velho-testamento... com Nabuchodonosor, Pharaós, Salomão á frente, até fechar aquelle sorriso demolidor. Se fosse necessario, recorreria ao homem que mediu os espaços. Newton havia de o abalar por força. Dir-lhe-hia que o sabio inglez apenas praticou a applicação da theoria de Leibniz, e ao espirito profundissimo do philosopho allemão não me restava a minima duvida que elle se converteria. Com Lavoisier, Darwin, Comte, com o proprio Spencer, então ainda vivo, concorriam na minha memoria outros personagens secundarios, de que eu não carecia para acreditar o homem: os reformadores religiosos, presididos por Martinho Lutherio, os metaphysicos allemães de negregada memoria, capitaneados por Kant, os anthropologistas,

de ha pouco, dirigidos por Paulo Brocca, os psychologos, os romancistas...

Mas logo, um grande abrimto de bocca, que eu soube comprehender, perpassado por um bocejo que alterou o mar e juncou de papoulas toda a crusta terrestre, transformou aquelle sorriso rutilo num annuncio de tédio. Era justo. A sua perscrutação incisiva, penetrante, tinha previsto o extenal rasteiro que eu lhe preparava, no apon-toado banal que me passára pela cabeça como uma ameaça para elle e para mim.

De alguma coisa me serviu ser humano naquelle momento. Melhor, para alguma coisa lhe prestou a minha velleidade ridicula de poder mostrar numerosas gerações de ascendentes sem pêlo. Fui delicado. Os habitos de hospitalidade que me giravam no sangue, tão vívidos como nos corações erupti-

vos dos velhos portuguezes, ali ficaram, não digo de pedra e cal, mas firmes e franqueados como a linda barraca de ólas, que as ventanias do Indico não derribavam. O meu silencio foi olympico! Foi o sacrificio, a annullação duma peça oratoria de effeito transmissivel:— os oradores peninsulares que me comprehendam...

Suffoquei!... O desapêgo de Ulysses da voluptuosa hospitalidade de Calypso, a cega dedicação de Sitá, a renuncia suprema de Yudhichtira... o que eram perante a custossissima offerta d'aquella minha desistencia sublime?!..

Enguli tudo!.. e, na reingestão difficil d'aquelle substancial e diffuso alimento, eu estava como a serpente da lenda que, uma vez desalterada, sente repugnancia em tragar o seu proprio veneno.

Valeu-me a superioridade do meu

Guia. Contente talvez com a minha desistencia, grato por certo ao esforço de compressão empregado por mim para não explodir, contemplou-me com uma lucidez cuja lembrança me perturba ainda. O influxo com que elle me traspasou, deixou-me tão jejuado e vasio, com tudo aquillo cá dentro, como aquelles convivas de Juvenal que os senhores romanos attrahiam aos seus banquetes, para lhes gozar, na voracidade dos olhos, as esperanças frustes dos melhores boccados.

Bem dita sejas tu, figura veneravel! De modo algum revelarias com maior evidencia o teu prestigio sobre-humano. Sustaste as caras divagações do meu espirito, sem me despenhares nos arrufos que naturalmente respigam dum silencio imposto, da mudez forçada, constrangida!

Só então afastei de vez, para lon-

ge, para muito longe, os fumos da minha erudição-commum. Ponderei então, de mim para mim, que a excellencia dum banquete não está na quantidade dos convivas illustres, e assim consegui accomodar os rumores derradeiros da minha critica intransigente, do meu amôr-proprio contrariado. A idéa de que podia ser frouxo, apesar dos elementos premeditados, o realce emprestado por mim aos homens de genio, que já esperavam nos seus tumulos a apologia gorada, foi dissipando pouco a pouco o meu resentimento.

Nem sempre os grandes assumptos suggeriram grandes obras!...

Persuadia-me... e com esta persuasão socegava todo o meu silencio mal contido.

Foi então que reguei com algumas lagrimas o meu desgosto de ser homem; porque, debellado o perigo da

minha apologia, felizmente abortada, aquella figura veneravel volveu a sorrir do homem como sorrira da Terra.

Maldição! maldição!— gritava a minha consciencia acobardada; pois toda a fadiga dos homens, todas as florações do genio, que nos teem extorquido embasbacamentos, são apenas renomes terrestres?! Não ha portanto reputações humanas que passem além desta atmosphaera insipidamente azulada?!..

E o sorriso continuava.

Mas elle ouvira fallar dum homem no Sol..?

Como um animal gêbo, implume, daminho, que devia ter sido condemnado á morte: pobre Cyrano!...

Animado por um lampejo de senso extra-commum, medi a loucura da minha inadvertencia, estando assim a

perder uma occasião unica de saber verdades quasi-universaes, com o bairrismo cego, pueril, indigena, de querer salvar a honra d'este convento, onde sou apenas um professo involuntario. Elle entendeu a minha contricção. Abaixou um braço até aos meus braços e, tomando-me cariciosamente com um gesto quasi humano, sentou-me na sua mão direita, que logo alçou numa curva admiravel. Apezar da grande altura e do influxo super-terrestre que elle me cedia, confesso a minha insignificancia, a minha inferioridade, mas o primeiro movimento dos meus olhos foi para a Terra.

Que apêgo! que miseravel apêgo! —berrava a minha rasão a caminho dos deslumbramentos.

Mas foi assim. Devem transmigrar d'este modo as almas atafalhadas de paixões, que fogem dos corpos como

exhalações dos seus vicios. Mal partira, e já a minha anciedade de regresso arrepiava, como o contacto dum reptil, a mão generosa que me sustinha.

A parte da Terra que eu vi ao largar, como se olhasse para um mappa, foi toda a península do Industão.

Mas, d'ahi a pouco, só appareciam os picos eternamente gelados do Himalaya, como os dedos esfusados da minha saudosa mãe-Terra, lançando-me, num gesto condemnatorio, a maldicção, que em breve ia perder o seu ambito. Novo Telémaco, nas regiões da altura, não a procurar o pae Ulysses, mas elevado involuntariamente para o desconhecido, perguntei ao meu amavel Mentor, indicando o nosso planeta, se aquella mãe desleitada não me estaria abominando. . . ?

A sua cabeça oscillou num movimento affirmativo, que me tranziu, até

á medula, na idéa de ter um dia de voltar á Terra, para ser expulso, destruido, execrado. Cahi de joelhos e, todo extendido sobre a palma d'aquella mão alçada, implorei:—«Ó figura soberana, toda feita com as excellencias do corpo humano, sublimadas pelas tuas dimensões astraes! ó eterno viajante da Immensidade eterna! restitue-me á Terra impura, se ainda é tempo de evitar o seu desasylo. Se ainda, abraçando as suas arvores, beijando os seus terrenos, areaes candentes, saibros rubros, argilas molles; sorvendo a tragos amplos as ágoas dos oceanos amargos; afagando a sua animalidade e soffrendo até a convivencia monstruosa dos homens, posso retroceder, despenha-me immediatamente, mesmo que seja da altura onde estou agora.

«Que, engulido pelo Oceano ou despedaçado contra uma rocha, eu oiça

ainda o seu perdão e a veja num acêno magnanimo cobrir de complacencia a minha injuria rebelde!..»

Descemos, ou suppuz que desciamos, porque de repente avistei Darjeeling a contemplar do seu pavimento inferior, num silencio amoroso e recolhido, as neves perpetuas d'aquelle balcão, todo alvura, que lhe prolonga o dia depois do sol mergulhar no Oceano.

Numa ligeira oscillação dos meus olhos, Simla passou com os arvoredos do norte fartos de luz e as ágoas cançadas, diminuidas, almejando a immobibilidade da congelação. Ainda pude reparar no palacio do vice-rei. O *Lord* estava folheando um volume da collecção *Rulers of India* de Morse Stephens.

Era o volume de Albuquerque; o nosso Albuquerque!

O meu coração pulou. Logo um

movimento de orgulho me arrebatou da attitude humilde em que me deixára a supplica de ha pouco.

Como os governadores portuguezes não lêem muito, e muito menos Albuquerque, fiquei maravilhado. O vice-rei inglez lia Albuquerque, o heroe de Marrocos, o defensor contra os turcos do rei Fernando de Napoles, o primeiro europeu que sonhou o estabelecimento dum imperio na Asia, governado da Europa.

Lia e meditava...

E o genio do descendente de Afonso Sanches patenteava-se-lhe em todas as linhas do trabalho de Stephens. Em nove annos concebera e edificára Albuquerque o grande poder portuguez no Oriente, com a tomada do porto de que elle, e só elle, tão bem comprehendeu a necessidade para a conservação das 12:000 milhas de cos-

ta, onde tinha organizado trinta feitorias quasi todas fortificadas! O prestigio do seu nome, dilatado, desde as provincias do remoto archipelago Malayo até Ormuz, pela submissão do Zamorim de Calicut, indio, do Nababo de Diu, mahometano, do selvagem Sultão de Malacca, do rei arabe d'Ormuz, e pelos seus empreendimentos commerciaes em Sião, Java e Sumatra... não assombrava tanto o espirito do vice-rei como a politica interna do grande senhor de Gôa.

Sem idéas de proselytismo, a sua tolerancia religiosa mandava respeitar pagodes e mesquitas, porque eram templos como as egrejas dos christãos. Isto, elle, fidalgo portuguez, nos tempos fradescos do Portugal intransigente; elle, que de lá viera cheio de uma crença viva e que por cá a conservou illesa!

E o *Lord* todo se comprazia com

as descripções da pompa oriental das embaixadas, que de toda a Asia vinham prestar homenagem, sollicitar a amizade, offerecer respeito e muitas vezes submissão ao homem a quem chamaram *o terribil!*

A embaixada que Ismail Chah enviou a Ormuz para obter o retrato de Albuquerque, dava-lhe a medida d'aquella figura magestosa.

Tambem o seu character justiceiro, a sua bondade para com os naturaes, o grande uso de tratar com os mussulmanos se revelavam ao nobre senhor inglez como germens fecundantes d'essa politica de sympathia com que os continuadores da sua obra se vão enraizando por toda a India.

De todos os costumes apenas aboliu o *Sati*—a queima das viúvas.

Egualitario, todos lhe mereceram a mesma sollicitude. Respeitou os costu-

mes dos naturaes a ponto de os seguir até na forma de cunhar a moeda portugueza. Ninguem como elle reconheceu as aptidões deste povo extraordinario, chamando os naturaes de Gôa para todos os cargos e officios, escolhendo muitos para seus companheiros de armas nas expedições militares mais arriscadas e longinquas.

Que admiravel sagacidade nos planos commerciaes que o levaram a estabelecer feitorias em Malacca e a tentar fechar as portas do Mar Vermelho! Com que tino diplomatico elle se aproveitou da guerra entre o sultão Selim I de Constantinopla, Mameluke, sultão do Egypto, e Ismail Chah da Persia, para praticar as investidas mais importantes nos dominios mussulmanos! Na India era elle que, por intermedio dos seus capitães, ateava o odio entre os soberanos indios e os maometanos . . .

Por tudo isto a obra de Albuquerque se desenrolava aos olhos do actual dominador da Índia como a antecipação genial das medidas que mais tarde fizeram o renome de Bentinck, Warren Hastings, Lytton e d'outros governadores geraes inglezes.

Como homem culto, o protector de Gôa zelou pela educação, sollicitando mestres de Portugal. Como edificador, povoou de templos christãos o oriente conquistado. Rijo na phrase como o aço da sua espada, tinha comtudo subtilezas inesperadas sempre que tratava de atrahir, por cartas, á sua amisade os soberanos asiaticos. Quasi propheta nos vaticinios que formou ácerca dos portuguezes, que depois viriam á Índia, Albuquerque erguia-se no espirito do vice-rei com todas as características que assignalam o homem de genio. A tenacidade nos propositos que o levaram

duas vezes a Ormuz e o trouxeram duas vezes a Gôa, apesar da insubordinação dos seus capitães; o projecto de estabelecer um imperio na Índia, tão grandioso que os homens do seu tempo o tiveram por absurdo, mostravam claramente ao leitor de Stephens e de Marsman quem era Affonso de Albuquerque o Grande, *the Great Alphonso* ! . . .

Depois surgiu Calcuttá, a cidade dos palacios, com as classes indús a disputarem entre si qual será mais completa na imitação *snob* dos costumes importados da Grã-Bretanha. Vi *dog-carts*, *phaetons*, tirados por cavallos de todas as raças; indios com *patties*, cavalgando á maneira dos inglezes, e os mais cotados jogando o *polo*, o *tennis* e dando as suas *tea-parties*.

O reboiço das ruas principaes não

despovoava os templos nem os bairros indigenas. O templo de Kali, a Estranguladora, regorgitava de fieis. Durga ou Kali, a negra de quatro braços, com o seu collar de caveiras, dançando sobre o corpo de Chivâ, é a divindade predilecta de todos os povos de Bengala. Para ella se dirigia a multidão que a adora, e a variedade de flores, as cores variadas dos vestuarios, davam um tom festivo áquella romaria quasi miseravel. Os peregrinos de Kali condensavam-se proximo do templo. Os negociantes mantinham o barulho ensurdecador da multidão que passava, deixando nelles o echo das suas vozes aos milhares.

Lá dentro o pontifice ia celebrar um sacrificio. A deusa triumphava da multidão opprimida. Felizmente, o cheiro estonteante das grinaldas de flores amarellas, das plantas perturbado-

ras, que aquella gente mobilisava, não subia a grande altura. Prendiam-no á Terra a languidez, o pezo da sua sensualidade communicativa. Como as essencias mysteriosas das arvores e os aromas perdidos pelos jardins tranquillos, assim aquelles perfumes não chegavam até nós.

Tambem lá estavam os altares dos deuses menores. O grande Ganês, a divindade preferida em Gôa, mal se destacava no fundo escuro do seu refugio sagrado. Krischna e Radá quasi desapareciam numa penumbra discreta. A certa distancia, legiões de mendigos famintos, estropeados, informes, repellentes nas mutilações dos corpos verminosos, nos andrajos desfeitos, procuravam a sombra das arvores esqueleticas que rodeam o lago sagrado, onde dizem que nasceu Kali. Assim defendiam, das môscas e do ardor do meio

dia, chagas como rosas, que o Sol lhes escancarava cruelmente.

Mais longe o templo de Chivâ-Lingham, um pavilhão banal, pairava sobre columnas de pedra cinzenta. Em baixo o lagedo gemia esmagado pelo pezo enorme do aerolitho divino. A água do Ganges, derramada nas oblações, e as lagrimas piedosas das devotas humedeciam aquellas pedras derreadas. A' volta de Chivâ as mulheres indús prostravam-se em attitudes espontaneas, aristocraticas e, castas no seu impudor cheio de modestia, espalhavam sobre o symbolo divino os seus cabellos cheirosos, as flores sensuaes da India, e os seus beijos mais demorados!...

Percorri as margens do Ganges,—as margens do Ganges!. .e cheguei á espiritual Benares. A Jerusalem da India estava toda orgulhosa dos seus dois mil

templos. O Templo de Oiro, a residencia do Toiro de Chivâ, com os sacerdotes vestidos de purpura, com as columnas vermelhas como um incêndio, sobresahia entre todos pelas scintillações das suas cupulas que desafiavam o Sol.

Vi a mesquita de Aureng-Zeb, o sombrio filho de Cha-Jahan, toda marmore, granito e oiro; o frondoso Templo de Durga, onde reinam centenas de macacos de todas as cores e tamanhos, foliões gulosos, irrequietos, que são venerados como deuses; e o Templo das Vaccas, nõo largo esplendor das suas pedras enormes.

O centro da fé brahmanica, invariavel nos seus ritos, sem schismas, sem as sombras negras nem a soturnidade das ruinas de Roma, a cheirarem a carne e a sangue, parecia, áquella distancia, uma cidade candidamente pacífica no meio dos seus vergeis.

As columnas dos pagodes, as altas paredes dos palacios, os terraços, as escadarias que descem para o Ganges, levaram os meus olhos á Manikarnica Ghât, a parte mais populosa da cidade, o caes escolhido para o banho santo . . .

A's tardes, por este amphitheatro, em vez do lugubre tanger dos sinos que as ágoas do Tibre levam ao mar, ha vistosos bandos de devotos, que vão, garridos e chalrantes, multiplicar os murmúrios do rio divino ! . . .

Como o Ganges corria puro junto do Ramnagar ! Alguns bancos de arêa e velhas barcas dormindo . . .

Ali deixei o antigo castello real, archivo feerico duma civilisação que não volta, repositorio tranquillo das maravilhas unicas duma arte extincta, sonhando com as grandezas dos tempos heroicos e guardado pelas figuras dos rajahs, para fixar Delhi, a perola

do Panjab, a segunda capital do Mogol.

Os dois minaretes da Jumma Masjid de Cha Jahan, o principe nostalgico que carregou com todo o lyrismo da sua raça amorosa, o reedificador de Delhi, aprumavam-se esbeltos, esguios, como se quizessem ir ao meu encontro. Pareceu-me então que ella ainda estava manchada, nas suas pedras vermelhas debruadas de mármore, pelo sangue das cento e cincoenta mil victimas que Nadir sacrificou á colera de Allah.

Era, ali perto, noutra mesquita doirada, pequena, mas graciosa no sorriso das suas janellas festeadas, que o mesmo principe orava, enquanto, por sua ordem, o sangue corria abundante como as ágoas do Jumna no inverno, e os gritos dos moribundos vinham interrompê-lo nas orações d'aquelle dia exterminador.

Defrontando com a mesquita lobri-

guei o forte, o castello do Mogol, onde o Throno dos Pavões, levado para a Persia por Nadir Chah, era de antes um prodigio no meio das mais raras pedrarias incrustadas naquelles marmores nevados, que os tempos empobreceram.

Ainda assim sem as gemmas, sem os soalhos de prata, sem as tapeçarias, a magnificencia do marmore ficou. Apesar das extorsões dos marathas, a luz voluptuosa do *Diván-i-Am* e do *Diván-i-Khás* tem ainda o mesmo poder de fascinação, que empolgava os guerreiros do tempo do Imperio!

Mas a alma de Jahanara, a filha do imperador Cha Jahan, paira hoje sobre a cidade decadente. A discipula dum fakir, a mendiga voluntaria, derramou sobre Delhi o seu espirito de humildade, de pobreza... e a cidade fallece.

As casas visinhas da Jumma Masjid, cobertas por terraços de pedra, fugiram-me da vista com os seus habitantes,—esses moiros altivos, de grandes barbas castanhas em leque, fortes e bravos como quem sonha a restauração dum imperio,—e Agra veiu logo florir a atmospheria com o mais puro sorriso de Allah.

O tumulo de Akbar, Babel indestructivel, pyramide de terraços marmoricos, pacientemente cinzelada, que sobe triumphante, como se quizesse sustentar o espirito do soberano, na altura aonde os anjos podem chegar sem risco de maculação, reluzia como um castello de neve, como o crescente da Lua.

Ebrio de luz, procurei combinar a impressão clara da Sikandra com as sombras nostalgicas do palacio dos Mogões. Aqui recreei os meus sentidos na

reconstituição da vida langorosa d'essa côrte que deslumbrou o mundo com a sumptuosidade incomparavel dos seus habitos realengos. Povei a Torre do Jasmim com as favoritas ideaes que outrora amaciavam o character de Aureng-Zeb. E se aquellas paredes me encobriam a architectura florida dos mosaicos do *Diván-i-Am* e do *Diván-i-Khás*, da luxuosa sala dos banhos, o meu pensamento poude comtudo atravessá-las precipitadamente. Firmada no entalhado dos arcos, no xadrez do pateo dos jogos, na pedra negra onde thronava Akbar, quando presidia ao espectáculo da lucta dos tigres com os elephantes nos fossos do castello, a minha imaginação restabeleceu todo o interior d'aquelle mundo que parece ter sido um sonho. E tudo quanto imaginava me fazia perder a consciencia da minha ascensão altissima. Mas subitamente os

meus olhos deram na janella de Cha Jahan e eu figurei o velho imperador, prisioneiro do filho, deposto por elle, sentado na cadeira de marmore do Imperio, a contemplar, pela ultima vez, o solar da sua *began*, o tunulo levantado pelo orgulho do seu coração de poeta. Segui então o rumo derradeiro dos seus olhos fechados ha seculos. Fui como elle do castello para o Taj-Mahal. Encontrei-o junto da sua Muntaz Mahal, a dama do Taj, a cara obsessão de toda a sua vida amorosa, a mulher que o fizera triste! E o sonho de ambos estava ali firme, extatico, descommunalmente grande, no octogono de marmore trazido de Jaipur para guardar a união eterna dos amantes.

A' distancia a que eu estava, a minha attenção convergia apenas para o zimbório branco e altivo como o seio de Muntaz e para os quatro minaretes

do segundo terraço, longos e subtis como os suspiros dos que ali continuam, sob a sua vigilancia, os idyllios algum tempo interrompidos. Mas talvez lá em baixo, áquella mesma hora, outro viajante se arrebatasse perante a magestade d'aquellas portas lateraes, intercaladas por duplas galerias de nichos sobrepostos, que não são menos para admirar.

Com effeito o Taj-Mahal dá vontade de morrer. Antes morto ali do que vivo pelas moradas banaes que as cidades amontoam como documentos ephemeros do mau gosto da burguezia inesthetica do nosso tempo!

Que somno leve! . . . que sonhos inatingiveis não terão acompanhado no Taj a decomposição d'aquelles corpos principescos a desfazerem-se no pó que nunca será pisado sem enlevamento!

O' quem pudesse lá dormir o me-

lhor somno da nossa existencia expiatoria, aquelle de que nunca mais se acorda! . . . Eu penso assim das sepulturas. Um tumulo invocador de aspirações caducas, um epitaphio meditativo . . . são causas de outros tantos movimentos ascenciaes, de mais um impulso, pelo menos, que os piedosos viandantes suppoem prestar dia a dia, hora a hora, ao espirito do morto, para que elle possa alar-se mais facilmente, na fallaz probabilidade duma existencia melhor.

O' quem me dera ter um tumulo que attrahisse os que são capazes de se lembrar uma vez na vida da sua posição vertical! Quantos não haviam de me levantar, nas suas imaginações de natureza positiva, até qualquer outro lugar, bem differente do torrão anonymo que nos espera a todos nós, que não somos a castellã ideal do sepulchro de Agra! . .

Para o noroeste, as montanhas de Karakoram limitavam Cachemir. Pareceu-me ouvir, lá em cima, o ruído longínquo das cataractas sonoras, que altos montes despejam em lagos celebrados pelos naturaes. Quiz admirar os jardins fluctuantes sobre o lago mais proximo de Srinagar, mas Gwalior passou rapidamente com os seus districtos espalhados pela Índia Central. Transpuz a ribeira de Chambal e para ali fiquei com os olhos presos nas ruínas dos templos dos jainos, no palácio de Man Singh e naquella fortaleza levantada sobre larga penedia... que até parece obra de antigos portuguezes!

Reparei em Lachkar, mas Ujjain ao sudoeste, no Sipra, deteve por momentos estes relances, que não me fatigavam. Ujjain é a antiga capital de Malwa, uma das sete cidades sagradas dos indús e o lugar onde os geographos da

Índia marcaram o primeiro meridiano. Foi a séde da vice-realeza do famoso Asoka, enquanto seu pae reinava em Pataliputra. Profanada por Akbar que a annexou ao imperio do Mogol, tomada e incendiada por Holkar, veio por fim a cair em poder dos marathas. A vista da Terra Santa dos indios, que é hoje dos Sindhias, foi para mim um encanto primitivo, uma novidade que a sua velhice, tão diversa das outras velhices, me offereceu sorrindo, talvez contente com o seu abandono.

Transpostas as provincias centraes, surdiram os Estados do Nizam, confinando pelo occidente com a Presidencia de Bombaim e ao sudeste com Madrasta. O Godavari, apesar dos seus largos tributarios, descia vagarosamente desde os Gattes occidentaes até á bahia de Bengala. Mais além corria o Tungabhadra delimitando a sudeste as ter-

ras do Nizam, Hyderabad, um dos melhores boccados do antigo imperio mogolico, desmembrado no tempo de Aurang-Zeb. Procurei a ribeira Musi e lá topei com a soberba capital de pedra. Julguei ver o orgulho sarraceno d'aquelles arcos dentados, condemnando a transigencia do monarcha com os costumes occidentaes. Na verdade o trajo inglezado do Nizam destoava deploravelmente da architectura nobre da sua capital moirisca. Mas das transigencias dos principes sómente as pedras se queixam; por isso os fanaticos se não preocupam com os habitos europeus do monarcha mussulmano, quando á tarde passam por elle, sem um protesto, sem um descontentamento, a caminho das mesquitas nacionaes, que a invasão europêa ainda não contaminou com a sua profanação inevitavel.

A sete milhas para o Occidente estava Golconda, velha cidade arruinada para onde a tradição fabulosa dos seus diamantes attrahiu os thesoiros do Nizam. O forte de Golconda guarda os thesoiros do principe e os prisioneiros do Estado. Ainda Mysore me prendeu a attenção, mas já numa curiosidade inconsistente, receosa da censura sobranceira ou do desprezo irremediavel do meu Guia nas alturas. Presenti Bangalore com as hortas e os pomares carregados de fructa. O cheiro das maçãs, dos morangos, das uvas... as tangerineiras curvadas ao pezo dos fructos ainda verdes, as amoreiras em flôr, passaram rapidamente, sem que uma unica ondulação atmospherica, embora rarefeita pela altura, provasse aos meus sentidos que não era uma illusão a fuga d'aquelles vergeis. Estava no antigo reino do fabuloso Sugriva, na patria de

Hanuman, o general que acompanhou Ramâ na expedição contra a Lanka. O palacio do Maharajah, encostado ao monte Chamundi, dominava a capital que tem o nome do reino.

Um throno de figueira coberto de marfim, laminado de prata e oiro, offerta de Aureng-Zeb, guardava lá dentro a antiga soberania do reino, resumida hoje na coroação com que, de tempos a tempos, os maharajahs se substituem numa realza que não vae além d'esta cerimonia.

Em seguida baixei a vista até Sravana Belgola, onde vive o primeiro sacerdote dos jainos, e ao ver a estatua colossal de Gomatechuara, um dos seus richís, um riso semelhante ao do meu Guia veneravel desconcertou o geito de assombro que as minhas feições haviam tomado. O que era aquella estatua ao pé da figura animada que me

sustinha cariciosamente!?

Do Dodabeta, pelo pico Anamudi, a maior altitude do sul, vinham até aos meus ouvidos os rumores longinquos das florestas e das cataractas dos Nilghiris. Perto do Anamudi descobri a luxuosa Ootacamund com roseiras pelas estradas, violetas levadas pelo vento para os caminhos, craveiros floridos pelos jardins e açucenas a alvejarem pelas encostas, nas sombras frias das casas, que se debruçam pelas quebradas, e das accacias da Australia, grandes como castellos! Os cedros e os pinhaes desciam dos montes para as margens do lago,—um lago a 7:100 pés de altitude!—e os eucalyptos franjavam as nuvens, que me encobriam uma parte da antiga villa dos Tódas. Só os loureiros de Portugal, os meus unicos compatriotas naquellas paragens, me acenaram com uma saudade, que me compromet-

teria, se eu não a distrahisse immediatamente na contemplação da primeira fortaleza que os europeus, os portugueses, construíram na Índia, em Cochim, no anno 1503. Depois internei-me novamente. Continuei a precipitar-me para o Sul, atravesssei Travancor, paiz montanhoso coberto de bosques e, na vertigem da minha curiosidade, que era maior do que toda a península industânica, só parei em Ceylão.

Assisti á pesca das perolas nos bancos de Marichikade, Cheval Paar e Chavrakacheri. Era o penultimo dia destes trabalhos annuaes. Que doloroso espectáculo de cubiça! Enquanto uns mergulhadores desciam, aprumados sobre pedras vermelhas que os attrahiam para o fundo do mar, outros emergiam do azul das agoas, vertendo rios de sangue dos ouvidos, das ventas e da bocca. Cada mergulhador trazia ao pescoço

um sacco de rede cheio de ostras. As cordas, que içavam as pedras e os homens, não chegavam a ser enroladas. Assim que uns emergiam, logo outros furavam o oceano. Estancadas as hemorragias, depressa voltavam os que eu suppunha derrancados. Depois de trinta mergulhos, ouviu-se o tiro do solposto e os barcos demandaram a costa com as tripulações tontas de Sol e os mergulhadores extenuados, doentes...exhaustos os seus recursos de amphibios.

No dia seguinte, antes de voltarem para a vida (os homens teem a mania de chamar vida á illusão fadigosa, que os leva mais depressa á cova, numa inconsciencia em que ha suores e extenuamentos), as conchas abrem-se naturalmente, porque as ostras morrem, e aquelles miseraveis não vêem nas perolas, que não são d'elles, o sangue que perderam na vespera.

Quando o tiro do pôr-do-sol interrompeu a pesca, ainda sobre as esteiras havia algumas conchas do dia anterior, e as perolas humidas, recebendo em cheio a luz dum poente afogueado, eram verdadeiras gottas de sangue, áquella hora de extremo canção.

Foi então que toda a costa do Malabar começou a escurecer e os meus olhos debalde procuraram Gôa, a praia de Calangute, a minha barraca de Baga. Como a ave que, deslumbrada pelo Sol, se distancia a ponto de não poder ganhar o ninho, quando a noite a surprehende na altura, assim doudejava eu numa incerteza, naquella mesma anciedade, que já arrepiára a mão generosa do meu Guia como o contacto dum reptil.

A noite interpoz-se tenebrosa entre nós e a Terra. Só quando descollei a vista do logar no Espaço, onde con-

jecturava que estaria a face obscurecida do meu planeta, é que temi a distancia a que estivera contemplando a India.

Quanto se aperfeiçoaram os meus sentidos naquella dia!.. De manhã mal enxergava as pontas do Himalaya. A tarde, pairando á mesma distancia, já distinguia as perolas de Marichicade. Emquanto julgava que o meu Guia, relevando a minha curiosidade de ser inferior, me approximava da Terra, onde eu tinha observado tudo, cada vez mais nitidamente, eram apenas os meus sentidos que melhoravam. Tive a certeza d'isto quando de subito aquella figura formidavel encostou a cabeça á curvatura frigida da Lua e adormeceu. Por momentos amaldiçoei aquelle somno. Se aquelles musculos de incomparavel tenacidade afrouxassem, se distendessem?.. Se a mão que me servira de mi-

radouro se desenconchasse, para onde rolaria o meu corpo, já emancipado, áquella hora, de todas as forças terrestres, pelo afastamento?! . Felizmente o susto depressa foi aplacado. Sobre a minha cabeça uniram-se as cabeças dos dedos d'aquella mão carinhosa e eu pude também dormir, sonhando perfeições extra-planetares, da mesma fórma que os molluscos nas suas conchas sonham talvez com os defeitos da consciencia humana para onde caminham.

As imagens de tudo quanto vira na India foram decrescendo, sumindo-se na minha memoria, ainda mais fugidias e velozes do que as impressões recebidas durante aquelle dia de assombros.

Estavam já sem brilho os collares dos principes *rajputs*, as esmeraldas, por lapidar, de Mulhar Rao, grandes como os olhos dos tigres da sua *ménagerie*. Affigurava-se-me pequeno o

cemiterio dos maharajahs de Udaipur. Os cenotaphios que indicam os logares, onde elles eram queimados, haviam desaparecido sem deixar um unico vestigio. Nem mesmo aquelles que eu vira guarnecidos com as rudes figurações das mulheres, que ali começaram a saborear as delicias do não-ser, no doce conforto dos borrhos preparados com as cinzas dos soberanos, resistiam aos effeitos dissolventes da distancia e do somno do meu Guia. Já não distinguia Amber, nem o seu pequeno templo de Kali, onde outrora se faziam diariamente sacrificios humanos, mantinha no meu espirito, pela lembrança cruel d'essas execuções, a Jaipur dos esmaltes e do mais bello oiro do mundo! . . .

Os desertos de Marwar (rêgião da morte), o mais extenso dos Estados rajaputanos, apenas figuravam nas minhas lembranças como um areal monotono,

onde a escassez das chuvas torna os homens mais fortes e resistentes. Também o seu maharajah *sir* Jaswant Singh Bahadur, o mais bello de todos os monarchas indianos e talvez o exemplar mais perfeito dos indo-europeus do nosso tempo, me não occorria com a sua barba apartada sobre collares de diamantes, como duas palmas, sopradas pelo sudoeste, a interceptarem, momento a momento, as palpitações das estrellas.

Desde os Estados do Kathiavar, tributarios do Gaekwar, desde o mar Arabico, Subarmati, golpho de Cambaia... até ao mar de Bengala, pagodes seculares, mesquitas imponentes, nababos obesos e estropeados, mettidos em sedas, recamados de pedras com lendas... tudo se fundia, se apagava, no meu espirito, como se fosse uma recordação ancestral. Sómente os olhos grandes, muito negros e voluptuosamente humidos, da

formosa Maharani de Cuch Behar eram dois mundos deliciosamente tenebrosos, por que a Terra se recommendava no meio da exuberancia de luz que me retardava o somno.

Nisto, por um desvio equivalente a uma hora de marcha do nosso satellite, o Sol, então mais proximo de nós, veiu dar em cheio na frente do meu Guia. Elle despertou, risonho e lesto, como se tivesse repousado durante longas noites de inverno num leito de plumas artificialmente aquecido.

Uma hora—calculava eu— e ei-lo de novo a caminho! Todavia, se a intensidade da luz super-terrestre não me cegava ainda, devido ao progresso dos meus sentidos, a enormidade d'aquelle machinismo cerebral logo me suggeriu a comparação impossivel que iniciou o meu aniquilamento! Já um tanto habituado ás rajadas de luz solar e á

leveza do ether em movimento perpetuo, examinei aquella cabeça em toda a plenitude da sua configuração humana. Cada cellula d'aquelle cerebro portentoso teria o pezo, o volume de toda a minha microscopica massa encephalica. O jogo admiravel d'aquelle mecanismo, que tinha a visão directa das coisas, que não carecia de raciocinios, que não se curvava sob os encargos funestos das idealidades herdadas, vexava-me pela triste dependencia—em que todos nós andamos—dos sentidos, esses visionarios ridiculos que nos desfiguram a realidade. Sem a necessidade de um *porquê*, sem uma preocupação de finalidade, ignorando os processos rudimentares de facilitação por meio de generalisações, fóra de todas as leis que nós supuzemos universaes, avançava o meu Guia, incurioso porque sabia tudo, incredulo porque tudo via.

Subiamos; mas as irradiações de todos os astros, a multiplicidade de cores proveniente dos encontros luminosos, a impossibilidade de orientação, os dias tornados um só dia, os movimentos dos corpos celestes com outras direcções, lançavam-me numa perturbação, que me aterrava cada vez mais. Todas as forças com que Newton organisou o seu Universo, todas as hypotheses proveitosas para os mortaes, mas sem realidade fóra do nosso planeta, eram desconhecidas do meu Guia, inadequadas, inuteis naquellas paragens sem fim. As situações differentes no Espaço, sem os pontos de referencia habituaes, a co-existencia de corpos não encarreirados no tempo, acabaram por me confundir. Ao ver arrasadas, sem applicação, todas as bases da certeza humana, que se inspira no que é aparentemente estavel, periodico ou con-

tinuo,—bases tão inabaláveis que chegaram a ganhar outrora a reputação de princípios absolutos,—o mesquinho estado de consciencia que eu ali representava sossobrou. A dificuldade de reorganizar o meu cerebro, de apagar ali mesmo, num momento, todos os vestígios duma metaphysica viciosa, toda vaidade, e dum experimentalismo tosco, grosseiro, infantil, trouxe-me á idéa a velha tartaruga, que sahira dos abysmos do Indico, arrastada pela rede dos pescadores para a clara atmosphaera de Gôa. Num mundo inteiramente novo, o amphibio contentára-se apenas com a historia dum areal ardente, de alguns coqueiros rumorejando com o vento e do meu olhar compassivo. . .

Continuavamos subindo. . . avançando no ether; mas, quanto mais chegavamos ás claridades remotas dos mundos desconhecidos, mais trevas se

condensavam na minha cabeça, que mesmo na Terra carece de tantas escóras e alavancas para alcançar um funcionamento improgressivo.

Por toda a parte resoava um cantico universal de boas vindas, que se ia extinguindo gradualmente, absorvido pelo tumulto de todos os seres vivos espalhados pelo Espaço. Uma chuva de flores sideraes cahia sobre nós, como á entrada dum principé victorioso no seu paiz libertado, e impregnava duma fragancia leve os hymnos da saudação. Era um jubilo incomprehsivel, alegria maravilhosa de todos os habitantes de alguma constellação ignorada. Os transportes d'aquelle regosijo puro augmentavam tanto que eu, num atordoamento invencivel, privado da vista, apesar do aperfeiçoamento dos meus sentidos, não pude manter-me por mais tempo distraído, alheado da inferiori-

dade da minha especie...da vergonha do meu planeta.

Afinal quem era eu ali?...Um homem...que residia na Terra. Esta convicção lastimosa punha-me como esses «Rastignacs» que o acaso atira de vez em quando para o meio da opulencia dos grandes senhores, com o prazer do accesso, envenenado pelo receio de que se saiba quem são e onde moram.

Lembrei-me então de voltar e de trazer aos homens presos á crusta terrestre a descripção desta viagem frustrada, bem mais ou talvez bem menos interessante do que a historia que a tartaruga levára para os lodos do Oceano.

Sem perder um segundo,— que aquelles segundos era torturantes,— ca-hi de joelhos sobre a palma da mão do meu Guia, alva e extensa como os de-

sertos de Jodpur, e, com um olhar de supplica humilde, infimo, angustiado, igual ao da tartaruga, e numa attitude branda, submissa, semelhante á dos Suras indianos, pedi-lhe para regressar.

Elle accedeu. Retrocedemos com a velocidade da luz. Era noite no hemisphero para onde nos encaminhavamos. Uma doce penumbra tocou primeiro nos pés do meu Guia.

Entrámos na atmospha. Atravésámos a sombra alvejada por um luar mortiço, e elle veio cautelosamente, com toda a leveza dos seus geitos macios, como quem deita uma creança num berço, collocar-me junto á minha barraca de ólas, na orla dum palmar batido pelas ventanias do Indico...e partiu.

Quando pude deitar os olhos ao largo, vi-o nas sombras da noite a caminhar sobre o Oceano como Nârâyana, o Vielnú anterior a todos os mun-

dos, avançando sobre as ágoas primordiais; como Jesus indo ao encontro da barca dos apóstolos no lago Geneza-reth!...

Emquanto a sua figura prodigiosa se afastava, os gentios que ainda áquella hora enchiam a praia, gritavam *sôdd! sôdd!* (larga! larga!) como se houvesse um eclipse. Depois, quando elle dobrou a linha do horisonte e a lua tornou a mostrar-se, a gritaria cessou e todos se banharam radiantes nas ágoas do Oceano, com um ar de desafogo, agitando-se estavanados, como no jubilo phrenetico duma libertação!..

Leitor! agora reparo: para onde te levei eu?... Já deves estar cansado de subir desde a minha luxuosa barraca de ólas, á beira do oceano Indico, até ás visualidades alcantiladas d'onde o meu Guia me despenhou. Paremos, e se a tua cabeça carece duma hora de repouso, senta-te aqui, á sombra d'esta mangueira cerrada, e ouve a historia do bacharel Chrysostomo, que é a historia dum typo amphibio ou, melhor, d'esse esquilo a transitar para ave ou d'essa ave a regressar a esquilo, que Darwin não conheceu, desgraçadamente.

Pobre theoria da fixação das especies, —que o espirito religioso de Quatrefages inventou,—se a Allemanha, a Inglaterra, a França, e mesmo a Italia tivessem conhecido naquelle tempo este typo de transição, sedento de transformações, infixavel... que tanto pode permanecer esquilizado, obscuro, pelas carreiras de ascenção gradual como, depois dum esforço mediocre, amimado pela fortuna, ascender á primeira arvore de progresso que tope no caminho! Uma vez ahi, ei-lo que principia a penujar primeiro, a exercitar as azas depois, e logo, sem grande perda de tempo, a cruzar os espaços rutilos do nobre e glorioso conselheirismo nacional!

Se Chrysostomo, coitado, estaciona reptil; se fica como fossil da especie que evoluciona dia a dia, é porque tambem os kangurús ficaram, depois da sua especie se haver alçado á guapa

ligeireza dos macacos, e porque d'estes tambem ainda existem os menos dextros, os menos habeis, que não souberam guindar-se á categoria de anthropoides.

Isto não depõe contra o evolucionismo. A natureza gosta de mostrar a sua opulencia. E' tambem um pouco *rastaquouère*. Por isso, longe de aproveitar todos os exemplares duma especie na obra de conversão na especie immediatamente superior, deixa sempre numerosos typos, numa estabilidade deprimente, afim de esclarecer com elles os sabios do futuro e determinar o orgulho de todos os contemporaneos que subam na escala zoologica ou social.

Estou a ver aquella verde laranja com setenta laranjas apenas. Ha um mez, parecia uma noiva toda toucada de flores. Além estão dois bezer-

ros gordos e nedios. A mãe, que os engorda, abastece com o seu leite tres casas, onde ha creanças. Não pode uma rainha, em virtude da sua conformação anatomica, conceber dois, tres, quatro principes reaes?... E comtudo quão raros não são os gêmeos que duram!?

E' que a natureza é muito semelhante a certos espiritos futeis que fazem muito barulho para nada; é como quasi todas as videiras... muita párra e pouca uva.

Ora o transformismo segue na vida social o mesmo processo que na formação das especies; e o meu bacharel, como o leitor vae ver, não é mais do que um documento que ficará da especie fecundissima dos bachareis formados, quando elles, mais tarde, depois de tudo explorado cá por baixo, vendo-se a peito com uma concorrência assusta-

dora, se mettam a dominar o mundo que os inventou, já um tanto desapegados da cubiça rasteira, que muitas vezes lhes entorpece o vôo para as maiores cubiças.

Por ora, ainda elles vão no trepar ás arvores com os olhos gulosos nos fructos pendentes!

O BACHAREL CHRYSOSTOMO

Estar no quinto anno da Universidade de Coimbra, sobraçando uma pasta e esperando o canudo da carta de bacharel-formado, é uma posição, embora transitoria, tão definida, que imprime character,—supponho eu,—até á terceira ou quarta geração, pelo menos. Ser quintannista, é ter os talentos de Cicero, o saber de Spencer, as musas de Lamartine, o catitismo de Brummel e uma bôa dose dos fogos de D. João

Tenorio. Todo o cortejo de contumelias, atenções, deferências, que vão desde o respeito tacito do caloiro-*novato* até á admiração hyperbolica do barbeiro, fazem dum bacharel em via de formatura um verdadeiro autocrata nas sciencias, nas artes e em todas as baboseiras com que a humanidade tem enchido o circulo vicioso da sua existencia obrigatoria. Porém, se o bacharel ostenta qualquer prenda que o exponha como fructo portentoso duma geração uberrima, então passa o homem a ser admirado pelos proprios camaradas e, bacharel entre os bachareis, nada haverá no mundo que elle não bacharelise.

Neste caso estava o Dr. Chrysostomo. Tinha uma grande prenda, tão grande que mal podia com ella a sua compleição de transmontano com crusamento.

Eu me explico:

Os avós de Chrysostomo muito se haviam esforçado para casar a sua Isabel com um rapaz do Algarve, filho dum negociante de figos e alfarroba. O pae lá tinha certas rasões para não a ligar a qualquer rapagão hirsuto da sua provincia.— «Extrangeiro, não!»—sentenciava elle,— «mas, portuguez, hade ser do mais longe possivel. O sangue anda por cá muito combinado: venha sangue do sul!...» E veio. Era portanto algarvío o pae do nosso bacharel.

Por isso o rapaz foi para Coimbra, logo que o avô, já um tanto decrepito, desvendou, através das brenhas negras duma cabelleira virgem, que a cabeça do neto era indiscutivelmente a cabeça do genro, um fallador de mão cheia, embora sem orientação nem cultura.

Os creditos que Chrysostomo al-

cançou em Coimbra foram a justificação do que o velho transmontano previra. Um facto marca a força empolgante da sua palavra. Quando constava que elle ia fallar numa assembléa geral da academia, a reunião era prohibida ou a policia ficava de prevenção. Era a fina flôr da eloquencia academica, como lhe chamava «A Resistencia».

A sua palavra não era a explosão duma bomba de dynamite, não era o incendio de Roma visto pela esmeralda de Nero:— era o Vesuvio resuscitado! Ai das monarchias, se elle um dia se tivesse mettido a abalar os alicerces das velhas instituições!..

E nas aulas?... Isso então!!.. Ninguem como elle passava do subjectivo para o objectivo, chamando os phenomenos a capitulo em ambos os campos. Ninguem delimitava os sentidos latos, estrictos e estrictissimos com

pulso mais firme e resolutivo, e, quando se tratava de encarar positiva e negativamente as questões juridicas mais intrincadas, quanta clareza e aspectos imprevistos não ganhavam ellas, sob a irrupção vulcanica da sua eloquencia didactica!?. Nunca, durante os cinco annos em que deu lições memoraveis, deixou de encarar tudo pelo seu lado concreto, investindo depois com o abstracto sem hesitações. Com o seu methodo composto dos processos inductivo e deductivo, com a sua classificação de sciencias, trouxe Chrysostomo tanta luz para a sciencia juridica, que teria ficado na faculdade, se a faculdade de Direito não fosse... uma refinadissima invejosa. Comprometteram-no muito as suas idéas politicas. Além d'isso, os mestres ficaram descontentes desde que elle declarou um dia que a sociedade é um organismo. Não sei

se teve a ousadia de o provar; porém, mesmo como simples apresentação, concluíram os lentes—e a meu ver concluíram bem,— que a inovação era perigosa. O subversivismo, as inovações, a inveja obstruíram ao bacharel o caminho da cathedra. Volveu os olhos para a vida pratica e viu-se sem grandes protecções. Pensou então no Ultramar, fez um concurso brilhante e conseguiu, depois dum anno de lucta desesperada, o seu despacho para a India.

O entusiasmo d'«A Resistencia», folha republicana; aquella inovação perigosa de considerar a sociedade um organismo... tinham-lhe fechado as portas da Universidade; mas, no fim d'aquelle anno, em que o seu orgulho andou irritado sob o pezo das baixezas de requerente infeliz, um concurso brilhante abriu-lhe nova carreira: Chrysostomo era magistrado em Gôa.

Conheci-o, mal cheguei á India.

—Havia de ter sido um rapaz perfeito,—diziam os ornamentos da segunda reserva feminina.

As mulheres depois dos trinta sabem descobrir, através das rugas e do crestado, numa physionomia decadente, a força de agrado dos seus dias de floração.

O corpo é que pouco dizia já do seu athletismo transmontano.

—Este clima, este maldito clima! . . . repisava elle—e as calças a adejarem como aquelle trapo de côr duvidosa.

que para ali está, fazendo parte integrante, adjacente ou decorativa do monumento do nobre Gama !

A's vezes parecia que engordára de repente. Observado de perto, percebia-se que as brisas do Mandovy, mais persistentes naquelle dia, lhe enfunavam o casaco de brim, como se fôra o velame de uma embarcação em transitio. Nestes dias Chrysostomo não ia bem para onde queria.

De resto a sua compostura era grave, sisuda... e nos dias de calmaria podia ser tida por inalteravel.

Chrysostomo fallava como fallam os bachareis. Todos muito parecidos com aquella jucunda religiosa de Diderot, que abria sempre a bocca antes de concertar as idéas sobre o que tinha a dizer. Isto valeu-lhe o titulo de espontaneo, improvisador, repentista ! . .

A sua voz era doce e sumida. Dir-

se-hia que o seu organismo vocalico dispunha de um pedal abafador para os momentos solemnes. Em assumptos intrincados, em casos difficéis, a maviosidade d'aquella flauta complicada perdia-se na resistencia do ar.

Teve inimigos. Quem os não tem, sendo orador espontaneo !? Não faltou quem afiasse caninos e incisivos contra a sua reputação; mas o homem tinha por si a segunda reserva feminina, e a calumnia tropeçava.

No ministerio da marinha fôra infeliz. Ao apresentar-se, dissera seccamente e com certa sobranceria: «sou o doutor Chrysostomo de St.» Apolonia Rodrigues.»

Deram-lhe a guia entre frouxos de riso mal sustido, e, arrastando muito aquelle **DOUTOR**, desejaram-lhe talvez, em suas consciencias hilariantes, uma bella viagem... com monção pela

prôa!

Seguiu na mala ingleza. Como tinha exame de inglez, com distincção, num lyceu de credits inabalaveis, met-teu-se ao pélago enorme e procelloso dos 15:000 vocabulos de Shakespeare com mais coragem do que ás tranquillias e limitadas ágoas do Mediterraneo.

Porém, as brisas do Mandovy ainda nesse tempo lhe não enfunavam o casaco de brim branco á maneira do velame de embarcação em transito, e por isso o almirante Chrysostomo encalhou logo á primeira tentativa de navegação no tal pélagos dos 15:000 vocabulos.

Vendo a sua espontaneidade oratoria sacrificada a um idioma que tivera a certeza de possuir, entristeceu como um tenor pateado.

Aquella mudez forçada não lhe ficava bem. A sua physionomia sem pa-

lavras podia ser que fosse bella, mas era uma coisa morta.

Ao cabo de algumas horas, já todo o seu organismo se resentia d'aquelle silencio irremediavel.

O navio tocou em Marselha.

Desembarcou.

Aqui, sim!— repicava elle, como se tivesse um campanario na lingua,— aqui, sim!. . Malditos saxões! São mais rijos de lingua do que os seus cavallos, de bocca. Que idioma e que collarinhos! Inaccessiveis como as muralhas de Troya! Safa!—e, depois dum hausto refarto, ainda repetiu:— Ah!. . aqui, sim!

Entrou num trem de praça e exclamou:—*suivez!* O cocheiro, augmentando o receptaculo auditivo, com a mão em fórma de concha, esperou nova indicação. Attribuiu Chrysostomo a im-

mobilidade do carro a todos os motivos: talvez o cocheiro fosse um pouco surdo; talvez o seu grito se tivesse perdido na confusão, no barulho do desembarque. Tornou a gritar—*suivez!* mas o cocheiro... nada. Exasperou-se e sahiu do carro. No seu furor deixou cahir para ali uma diatribe em portuguez, contra a imbecilidade dos cocheiros francezes, e, como ninguem o entendeu, felicitou-se, em consciencia, pelo seu denôdo.

Caminhou a pé, ao acaso, até encontrar um carro electrico. Viu mais adiante, na *Rue de la République*, um grande armazem que lhe pareceu o Grandella de pedra, cal e areia. Apeouse e entrou; mas, ó fatalidade! o caixeiro que lhe veio ao encontro era um collega, um ornamento illustre da tribuna marselheza e fallava pelos cotovellos.

Como, quem falla muito falla depressa, e o caixeiro acompanhava a avalanche dos artigos que ia expondo, com torrentes de eloquencia commercial, Chrysostomo apenas comprou uma gravata, não chegando a trocar impressões nem idéas.

Sahiu do armazem sem verificar o trôco, assim como d'ahi a pouco largava de Marselha sem averiguar se o seu francez era moeda alborcavel nas urbanas terras de França.

Depois, já a bordo, para aplacar algumas reminiscencias um tanto envergonhadas, disse de si para si: «—aquelle francez de Marselha é um francez de ciganos!..» e quasi lhe soube bem, nos primeiros movimentos do hélice, pelo menos, aquella mudez de bordo, esteril, implacavel! D'essa hora em diante deitou-se a aproveitar aquelle silencio forçado de bordo na

organisação systematica duma bôa dose de phrases de effeito para desgramalhar as guelas, logo que chegasse a terra,— onde se fallasse lingua de gente viva — dizia elle.

Foi-se concentrando cada vez mais, e perante aquella accumulção de forças oratorias e de idéas atabafadas, a primeira terra onde se fallasse a tal lingua de gente viva difficilmente aguentaria a explosão.

Explodiu afinal.

Ainda a bordo, como medida de segurança,— provavelmente para não estostrar,— lhe escaparam estas palavras, colligidas por um rapaz de Gôa, empregado no serviço da ambulancia dos correios entre Aden e Bombaim:

—V. Ex.^a é o Sr. Doutor Chrysostomo de St.^a Apolonia Rodrigues? . .

—Sou eu.

—Tenciona seguir logo para a sua



comarca?

—Com certeza.

—Eu posso indicar alguém a V. Ex.^a para lhe demover qualquer difficuldade.

—Difficuldade?! . . .

—Como é a primeira vez que V. Ex.^a vem á India e naturalmente não conhece a lingua nem os costumes. . .

—Obrigado! trago idéas precisas, maduras e completas sobre as coisas da India.

Por aqui ficou o dialogo, e, a não ser algumas palavras trocadas no consulado portuguez em Bombaim, a respeito da hora do comboy, Chrysostomo nunca mais, até Gôa, descerrou aquelle cofre precioso de inexhaurivel fluencia e dicção áttica.

Chegado a Gôa, o Doutor Chrysostomo foi recebido e commodamente hospedado por um seu contemporaneo

de Coimbra. Livrou-se assim de todos os *Crescentes* e *Mingoantes*, onde a nobre capital da Índia portugueza dá pousada aos peregrinos que veem ás ilhas de Gôa.

Conservou-se alguns dias por cá, sem ir para a séde da sua comarca. Durante esse tempo os politicos cubiçaram-no e deitaram-lhe rêdes. Chrysostomo sorria. Não viera elle vinte dias calado só para isto.

Foi então que elle tentou a unificação das facções existentes, porque—revelava—a união faz a força!

Quando viu improvavel o seu plano, exclamou:—nem toda a força da attracção universal, concentrada neste paiz, os uniria!—E esta phrase ficou, unindo os desunidos.

Nas palestras semi-officiaes, — como elle lhes chamava, — os planos de administração ultramarina, as reformas

de alcance, os fomentos de futuro, revolteavam numa linguagem que inspirava confiança, que apaixonava e só por si imprimia um vertiginoso movimento de progresso, prosperidade, bem estar a todo o paiz.

Dissera bem: trazia idéas feitas, perfectas e maduras sobre as coisas da Índia.

Ninguém pode ser grande em pequeno espaço. Procura a immensidade radiosa, espiritos cheios de luz e grandeza! Dizei á aguia que poise sobre a vergontea delgada e tenra dum arvore na infancia! . .

Gôa era pequena demais para o doutor Chrysostomo de St.^a Apolonia.

Veiu algumas vezes a Pangim, deixando toda a comarca almejando o seu regresso.

No *club*, que se dividiu, quando a

cohesão da sua palavra faltou, ouvimo-lo nós, num arrebatamento que era quasi uma elevação mystica.

Era um prodigo. Fallava, fallava, as suas idéas corriam, creavam corpo, modificavam preceitos antiquados e permaneciam depois como monumentos indestructiveis da verdade juridica ou administrativa. . . Sob a sua inspiração conseguiram alguns governos o applauso unanime dos povos e os que governaram em harmonia com os seus dictames são hoje respeitadas pela historia.

Mas a inveja começou afinal. Dentro de alguns mezes, o grupo dos que o odeavam reunia-se secretamente para estudar o meio de o vencer. Constituiu-se por esse tempo uma commissão com plenos poderes para agenciar a ruina do colosso. Mas a todos os golpes, a todos os ataques, quer direc-

tos quer perfidiosos, resistia o intrepido, o inabalavel espirito do Doutor Chrysostomo. Tambem, a segunda reserva feminina, lá estava sempre por elle, firme na dissipação da calumnia, audaciosa na sua admiração!

Cresciam os creditos do seu talento, da urbanidade, da força suggestivadora dos governos, quando a commissão se apresentou ao grupo inimigo e declarou:—achei!

E achára, na verdade.

O Doutor Chrysostomo de St.^a Apollonia Rodrigues tinha cêrca de trinta annos bem floridos, bem enramalhados, ha mais de quatro que estava em Gôa, e ainda não amára no continente asiatico!

Haviam-no attrahido a mezas de

jogo, a jantares succulentos, intermináveis, a ceias bem regadas... e a tudo resistira o impavido moço, em nenhum d'estes habitos se engolfára o lídimo Doutor Chrysostomo... Porém, quando os seus antagonistas bateram na testa e gritaram:—a mulher! a mulher!.. então a gloria do bacharel era chegada ao seu occaso.

*

Aquelle coração virgem, entalado entre codigos e processos, fatalmente havia de florir um amôr exotico.

Assim foi. Delphina de Boaventura, menina de raros dotes Moraes e subidas prendas caseiras, aproximou-se, em dia de chuva, do castello inacessivel d'aquelle coração sem mancha.. Encaminhou os seus passos sem vislumbres de hesitação para o portal, até

essa hora cerrado a todas as embaixadoras de Laxemi-Ramá, a Aphrodite indiana. D. Delphina não estacou no vestibulo. Foi direita ao centro de circulação bem arterial d'aquella já depauperada rêde sanguinea. Este musculo nunca, até este encontro premeditado, accelerára os seus movimentos senão de canção. Mas D. Delphina era violínista e de tal fórma soube fazer vibrar aquellas cordas ou fibras,—que muitos julgavam mudas como as guelas dum cysne,—que o coração do Doutor Chrysostomo passou a ser uma feira de sonatas, adagios, nocturnos e concertos.

A sentimentalidade inexplorada do coração do bacharel, despertada de chofre, desfez no homem a sua feição predominante. Aquella tempera rija torcia-se, dilatava-se, amollecia como as serpentes da India ao som das melodias dos garopeiros. O bacharel esta-

va qual Salamandra nas brazas. Era uma planta do norte ao sol do equador...

E Delphina segredava-lhe mellifluamente que a maviosidade da sua voz era o echo voluptuoso das harmonias intimas do seu coração de noivo...

Fazia pena ver o homem,— uma envergadura napoleonica,—quebrar assim a sua linha dominadora, absorvente, aos primeiros attrictos com que as sedas do arco de D. Delphina lhe distinguiram o coração!..

O amigo que o hospedára em Pangim tentou saccudi-lo naquelle desvanecimento, mas Chrysostomo era tão difficil de convencer no momento da queda, como impossivel de vencer na sua ascensão. Houve um dialogo violento:

—Essa mulher inutiliza-te!— terminou o amigo.

—Tambem Cleópatra inutilisou Antonio,—foram as palavras do bacharel.

Separaram-se. Ainda o amigo lhe escreveu longas cartas com tiradas de Schopenhauer, que nunca lera, sobre os inconvenientes duma alliança *ad æternum*. A ultima fechava:—«Se casas, a sociedade não pode contar contigo. Com mulher e filhos, maitos filhos naturalmente, o teu altruismo philosophico virá a descambar no agarrotado egoísmo da familia.»

«Morre para ahi, esperança fallida deste paiz sem homens. morre! mas ao menos dá-nos um successor do teu talento frustrre que, sendo o producto duma selecção mais apurada, venha completar a tua obra!»

Foram estas as ultimas palavras do Dr. Nepomuceno Soares ao seu amigo

e contemporaneo na Universidade. Havia ali o quer que fosse da sebenta de Direito natural, cadeira que lhe valera uma distincção no primeiro anno juridico.

Casaram em novembro. Chrysostomo chamou ás suas nupcias um casamento philosophico. Poucos attingiram o epitheto, mas D. Delphina acceitou-o para se desculpar com os parentes de não os ter chamado ás suas bôdas. Effectivamente o bacharel banira da cerimonia a pompa excusada duma assistencia numerosa.

Passaram mezes sobre mezes e aquella lua de mel rebrilhava cheia como um ovo de abestruz.

D. Delphina ia todas as tardes busca-lo ao tribunal. Nos dias de julgamento anticipava a hora da sua chegada ao templo da justiça, e ali se que-

dava, escudada com o batente, á porta da sala das audiencias, toda embebida na oração do marido.

Sahiam juntos; descansavam perto de casa á sombra duma palmeira, que os escutava com desvanecimentos.

Já todo aquelle palmar sabia de cór os arrulhos de Delphina e Chrysostomo.

Repetia-lhe muitas vezes D. Delphina:—a tua eloquencia até accusando é doce e perfumada como os unguentos com que ungiram o Salvador. Ser condemnado assim, será quasi um prazer...o melhor dos prazeres, um prazer doloroso.

Chrysostomo chamava-lhe—o oraculo da sua felicidade—e explicava: Delphina vem de Delphos, logar escolhido por Apollo para instruir e guiar os gregos e os romanos nas emprezas arriscadas ou indecisas. Boaventura,—a

palavra o diz,—bem que está para vir...

Depois contava-lhe os seus triumphos universitarios, as lições que dera... a pujança da sua dialectica!..

Os silencios vinham sempre pela mão dum transporte, dum enleio duplo em que a permuta de olhares se fazia sem movimento. Dir-se-hia que as almas de Daphnis e Chloé, Romeu e Julieta, Paulo e Virginia, haviam descido á India, entrado em Gôa e tomado de assalto aquelles dois corpos, que um amor incoercivel refrigerava á sombra d'aquelle coqueiro gigante.

Como as estações na India não despem as arvores da folhagem, não havendo mudanças de aspectos nos bosques, senão aquellas que veem de cima,—conforme o Sol refulge ou se esconde em nuvens caliginosas,—Chrysostomo não se lembrava das inconstancias da vida e era feliz.

Contudo, quatro annos de gloria publica, um anno de felicidade domestica, eram já uma dotação de semi-divindade e o bacharel então era ainda de carne e osso.

Cinco annos feliz! Era demais! Que attentado contra a philosophia dos homens! Que desmentido ao lyrismo dos poetas!..

Philosophos e poetas. invejosos em prosa e sem prosa, todos a quem a superioridade do Doutor Chrysostomo havia levemente opprimido ou monstruosamente esmagado— embora já livres, alliviados ha tempo, d'aquella pressão que os contivera—viam sempre com olhos de hyena o homem a quem D. Delphina extrahira talvez o espinho da ambição.

Opinavam uns que os olhos de Delphina, quentes como o Sol de maio, através dos quaes o Doutor Chrysosto-

mo—segundo constava—tinha concebido o infinito em toda a plenitude das suas linhas philosophicas, eram uma garantia, a certeza, de que o Dr. Nepomuceno Soares sentenciára irrefragavelmente justo.

O bacharel para estes estava morto.

Outros porém, e devo accrescentar, o maior numero, receavam muito que elle reassumisse o seu prestigio obliterado num anno de legitimos idyllios á sombra dos coqueiros e dos arecaes.

Levantaram-lhe então mais uma calumnia, que referveu caudalosa por todos os ouvidos e cerebros de cotação.

Espalharam que elle não era já o mesmo homem.

Effeitos do paludismo, soalheiras de rachar, debilidade, tudo combinado com os entontecimentos amorosos da sua alma lamartiniana teriam apagado por completo aquelle phosphoro que

fôra luminosissimo.

Chrysostomo teve noticia da conspiração. Soube que, apesar de ter por si os ornamentos da segunda reserva feminina, a calumnia medrava e creava raizes de cypreste.

Quiz partir immediatamente.

Novos deveres de paternidade recente não o deixaram voar.

Funesta detenção! Quando veio, eram passados dois mezes. Foi nessa occasião que eu o vi com as calças a adejar como o trapo de côr duvidosa, que faz parte integrante, adjacente ou decorativa do monumento do nobre Gama.

Procurou reacreditar-se; mas era já tarde. Os quatorze mezes de ausencia, que haviam desopprimido os detractores da sua celebridade, iam produzir os seus efferitos damninhos. Vinha para lutar; mas a arma escolhida pelos adversarios não a brandia elle, como in-

digna do seu arcabouço de transmonto. Tinha mesmo repugnância por ella.

As aggressões começaram por um humorismo deslavado. Sentiram-no defectivel e cravaram-lhe a ironia até ao cabo. Por fim assaltaram-no com satyras descabelladas que faziam rir toda a gente.

Não era só ás superiores qualidades intellectuaes do bacharel que elles se dirigiam: atiravam-se tambem á sua figura decadente.

Lembro-me de tres quadras duma satyra que se intitulava:

ASPECTOS DO DOUTOR CHRYSOSTOMO

Vi-o, ha pouco,—esse esqueleto!
E' da massa do diabo,
Dá-lhe o vento... e dum espeto
Sahe logo um gordo nababo.

E' de bufalo o costado,
Quando avança contra o vento;
E um Perú entufado,
A' brisa, sem movimento.

Vi-o de esguelha, coitado!
Não ha nada que o defina,
Dando-lhe o vento de lado,
Parece um barco á bolina!..

Os hístriões ganhavam terreno. Quando o gigante fugia ás fréchadas dos pygmeus, eram vaias de toda a especie a salpicá-lo de lama.

No fim de mez e meio, que foi quanto duraram as escaramuças, retirou para o seio da familia, onde ainda o aguardavam dias peores, muito peores!

Delphina substituiu-o na sua ido-

latría. Durante aquelles quarenta e cinco dias de separação, sem quasi haver noticias (tão preocupado andára Chrysostomo), as graças tinham-lhe amontoado no peito todos esses enthusiasmos, carinhos, desvelos, que são o medrar dos meninos e o alhear-se de si proprio e dos outros o coração de uma mãe.

Chegou Chrysostomo a casa, encontrou a mãe, mas não achou a mulher.

Na allucinação das primeiras horas culpou Delphina rudemente. Chegou a accusá-la de se ter bandeado com os seus detractores!

Os dias foram vindo mais bonançosos e a estrella cadente que percorrera veloz o firmamento da oratoria profana foi comprehendendo a innocencia d'aquella que lhe encontrára sonatas, adagios, nocturnos e concertos nos escombros do seu coração entorpecido.

Mas Chrysostomo era um egotista de marca, com todos os aleijões de quatro annos de celebridade, e o seu amor proprio sangrava. O triste bacharel não podia ter mão em si quando a realidade o levava, aos empurrões, a ver o culto da sua individualidade deserto!

—Nem já minha mulher me admirar!— vociferava elle, com as feições desconcertadas e os gestos contrafeitos.

Delphina, quando o filhinho lh'o permitia, nas horas em que as suas occupações de mãe a valer a deixavam ferida, reaccendia os idos fogos da fascinação, que Chrysostomo exercera sobre ella, e compunha-lhe assim os geitos e a physionomia. Mas a creança acordava, chorava ou sorria, e logo se desmoronavam ali, no mesmo instante, naquelle pavimento, onde batia mais forte o coração de mãe, todos aquelles exteriores de devoção pelo marido.

Chrysostomo sentia a dureza e o desconforto d'esta realidade brutal. Já sabia calcular a dose de artifício com que a ternura de sua mulher se enroupava para lhe acudir no desalento, e mesmo assim não tinha a dignidade de condemnar os arremedos duma paixão extincta; só lh'os prohibia com ameaças frouxas; só os afastava com uns movimentos fingidos, muito vizinhos dos esgares e requebros com que as mulheres galantes simulam não querer ouvir o elogio das suas graças e encantos.

A sua fluencia oratoria estancou, porque o publico do tribunal, conhecedor dos desastres do integro magistrado na capital, não lhe insuflava já aquella vivacidade que a multidão atenta communica sempre e faz recrudescer.

Se ao menos a sua Delphina esti-

vesse acolá, escudada com o batente, á porta da sala das audiencias!.. Mas qual! sua mulher tinha um filho que amamentava e cuidava com todos os esmeros duma ternura incomparavel... e elle? elle?... que soffresse!.. E soffreu, soffreu sempre com os olhos postos naquella creança, que adorava como pae e aborrecia como o real estorvo da sua rehabilitação.

A creança sorria e elle repetia mentalmente:— por tua causa não vae minha mulher escutar-me, escudada com o batente, á porta da sala das audiencias. Se tu não existisses; tinha-a eu lá. Então decerto me animava... aquecia... Um enthusiasmo pode tornar-se fonte de vibração geral. Firmado no seu enthusiasmo, alargando eu as azas, distanciando o vôo, o seu arrebatamento havia de transmittir-se forçosamente.— E depois, numa exaltação

crescente, viam-se-lhe uns olhares sombrios, que vagueavam num torvelinho ameaçador como as nuvens em torno do monte onde vae acastellar-se a tempestade.

Levado pela ternura paternal que Chrysostomo não pode estrangular, foi o bacharel educando o filho na eschola da admiração filial pela sua eloquencia, na idéa fixa de que a creança viesse um dia a indemnizá-lo. Por causa do filho perdera a assistencia da mulher que elle reputava a base da sua restauração oratoria.

Houve depois mais filhos. Muitos filhos, naturalmente—vaticinára o Dr. Nepomuceno Soares. Ainda o mais novo contava apenas 18 mezes e já ouvi-ra ao pae umas quatorze allocuções brilhantes.

Por fim cançou. Aquella lenta pre-

paração dos continuadores do seu genio não o retemperava dos embates soffridos. Primeiro que o mais velho chegasse á idade de se escaldar no verbo paterno, Chrysostomo estaria esquecido. Este calculo, até certo ponto justo, desnorteava o notavel magistrado.

O seu estoicismo não dava para mais!..

Quiz mudar de comarca, ir para a Africa; mas aquelle **DOUTOR** impertigado com que se apresentára no ministerio,—não o esquecendo os burocratas, apesar de escarnecido,— havia fatalmente de amadurecer mais tarde algum fructo duro de tragar.

A transferencia foi-lhe negada.

Emquanto a sua figura ia desapparecendo na téla das discussões e da intriga diaria, que entreteem os espiritos

ociosos da linda cidade de Nova Gôa, o seu engenho dilatava-se, diffundia-se e ameaçava trasbordar dos limites que nos determina o chamado «senso-commum» do maior numero dos mortaes.

Quando, porém, os seus detractores o esqueciam e já pouca gente em Pangim se lembrava do Doutor Chrysostomo, parecendo possivel a cicatrização da ferida, era o seu collega na magistratura, o seu companheiro de trabalho, que o não largava.

O Doutor Chrysostomo nunca se entendera bem com elle. Esmagára-o por vezes aos jorros do seu verbo inspirado. Por isso a emulação estava na cabeça do collega de Chrysostomo como a aranha na sua teia espreitando sempre, sempre á espera da victima appetecida. Chamava-lhe o «Doutor Allocução» e consentia que os escrivães e os beaguins o tratassem por es-

ta alcunha. Até se lisonjeava por ella ter sido de sua invenção.

Este facto e outros não menos des-norteantes exacerbavam Chrysostomo. Quando lhe chegava aos ouvidos a noticia de mais algum ultraje, das ironias novas que a seu respeito o magistrado inimigo punha em circulação na villa, Chrysostomo primeiro expandia-se num furor selvatico que fazia tremer toda a familia, mas logo cahia numa prostração, que era um desejo de morte.

Delphina assustou-se, suppoz que o bacharel iria perder a rasão. Era horrivel a existencia do antigo ornamento da magistratura de Gôa. Viam-no cabisbaixo, com olhares sombrios, perdidos na tempestade das idéas que se atochavam no seu desanimo rancoroso. Outras vezes fechava-se no salão da casa e atroava durante horas inteiras

as paredes núas do edifício com allocuções admiráveis. Quando era de noite, aquelle vozear fazia medo a toda a vizinhança.

Delphina, sentindo que a crise não cedia ás suas brandas sollicitudes, tentou sarar aquellá cabeça assombrosa com o balsamo da religião. Para isso aproximou de Chrysostomo um sacerdote muito celebrado pelas suas virtudes.

Era um bom homem o velho padre Antonio. Mas Chrysostomo não tinha a cabeça dum homem: era a cabeça da civilisação! Assim, o coração simples do padre e todo o seu engenho religiosamente primitivo foram como a folha branca da flor do espinheiro, que, tombada nos vortices dum abysmo, é levada pela corrente impetuosa.

O pobre homem quiz sustar aquelle pretendido delirio. Para iniciar um sentimento religioso que dêsse algumas

horas de resignação áquelle cerebro exaltado, gastou o velho sacerdote todos os seus recursos catchéticos, todo o ardor da sua fé. O bacharel, porém, revoltou-se e apenas disse:—em minha casa a religião...sou eu!

Ainda o padre pensou em condemnar aquelle orgulho com uma dose de textos biblicos á altura da reputação do bacharel; mas Chrysostomo abriu os diques á sua eloquencia philosophica e o padre perdeu o pé: em menos de meia hora já o sacerdote andava sem rumo, desmantelado á tona d'aquelle oceano, e não foi mettido a pique porque se rendeu á discreção.

Após este incidente, o bacharel tomou o padre por sua conta. Enamou-o da sua palavra, abasteceu-o com avasa sciencia, attraheu-o para as suas narr, a ponto do sacerdote ver a sua insuidencia, que de antes lhe explicava

tudo, substituída pelos princípios metaphysicos do Doutor Chrysostomo. Ou fosse porque a cabeça do velho não tivesse já resistencia para concepções novas e transcendentas, ou porque a convivencia com o bacharel lhe trouxesse antipathias e sarcasmos, o caso é que a maledicencia publica tambem começou a bulir com a sanidade mental do bondoso velho.

No fim de contas o catechizado fôra elle. Aparecera para curar o doente,— se é que Chrysostomo era um doente,— e este contaminára-o por tal fórma que, no fim de alguns dias, já se não sabia qual era mais extraordinario—o padre ou o bacharel!?. Mas como extranhar o successo, se até o povo da villa, quando notára a aproximação d'aquelles dois personagens, logo previra que o bacharel converteria o padre e não o padre o bacharel!..

Chrysostomo começou a andar mais satisfeito. Tinha quem o admirasse. Chamava ao padre seu discipulo, e o velho, por bondade ou porque, na verdade, se honrasse com a distincção, accetára toda a influencia de Chrysostomo.

Passeavam juntos todas as tardes.

Duma vez, quando voltavam para casa, ao escurecer, viu Chrysostomo umas bananeiras, onde algumas mulheres indús tinham posto a seccar as leves cambraias que são habitualmente o seu trajar domestico. Nesse tempo fallava-se muito em Gôa da revolta dos ranes e nos perigos de algum assalto ás villas mais ricas e mais vizinhas das Novas Conquistas. Chrysostomo ouvira narrativas monstruosas, bordadas sobre a supposta e façanhuda crueldade dos

tradicionaes revoltosos da India portugueza. Ainda naquelle dia lhe tinham enchido os ouvidos com a probabilidade em que a villa estava de ser infestada pelos hunos de Gôa, e por isso, ao ver as bananeiras e as cambraias, que a viração agitava, gritou para o padre:

—Lá veem os ranes!

O pobre velho ficou petrificado; mas Chrysostomo avançou solemne, corajoso, numa attitude marcial; aproximou-se do acampamento bellico das bananeiras e, lá do alto da estrada, começou a arengar os vegetaes e os nevoentos tecidos da India que orlavam o recanto duma extensa varzea.

O padre ainda lhe ouviu estas palavras: «Cobardes malfeitores! Em que vos offendeu esta villa pacifica e laboriosa, para assim virdes talar os seus melhores campos? Parae, perversos invasores! Pretendeis cevar a vossa cru-

eldade em existencias imbelles . . . aplacar a vossa concupiscencia nas mulheres desta terra de virtudes, a vossa cubica nos haveres deste povo honrado!? Mas o direito de existencia é um direito absoluto e um principio eterno que está gravado em todas as consciencias, quer mahometanas ou indús, quer budhistas ou christãs! A virgindade, a honra das mulheres é uma dadiua celeste; e o direito de propriedade não é menos sagrado, não está menos escripto como um principio absoluto na consciencia de todo o ser humano! . . .»

A emphase, a convicção com que estas invectivas eram declamadas, não deixaram na cabeça do sacerdote um unico escaninho para uma duvida salutar que lhe impedisse a ultima phase do seu desvario. Nesta altura, certo de que os ranes estavam ali, a dois passos, só duvidou da influencia efficaz

da palavra de Chrysostomo. Quiz fugir, correr para a villa e dar o signal de alarme, mas a vista turvou-se-lhe, as pernas tremeram e recusaram-lhe transporte. Camarinhas dum suor glacial aljofraram-lhe as fontes, e o homem, antevendo a morte sem sacramentos, no meio de salteadores gentios, cahiu na estrada sem sentidos.

Entretanto o bacharel continuava orando, orando sempre, com toda a força dos seus pulmões de bronze, agora cavernosos. A voz de Chrysostomo que fóra doce, sumida, ganhara tal resonancia nas ruinas do seu peito desguarnecido, descarnado que não carecia de ensaios com seixos na bocca, á beira do Oceano. Indra não atordôa os ares com maiores estrondos, quando começa a annunciar a irosa estação das chuvas.

A noite cerrava-se e Chrysostomo

proseguia o seu discurso. Igual a uma tempestade, a sua voz revoava pelas planicies divididas em varzeas e pelas encostas cobertas de cajueiros. Aquelle trovão humano sublimava-se á medida que a noite, carregando as suas tintas, silenciava os campos e os caminhos.

Chrysostomo, radiante porque a distancia que o separava dos inimigos permanecia a mesma, persuadia-se de que os detivera na marcha e cobrava animo para continuar cada vez mais imponente. Os cães de guarda, porém, é que não se mantiveram em perfeito accordo com aquella intervenção ruidosa e começaram a ladrar e a arremetter.

O furor dos cães chamou a attenção d'aquella gente, e as mulheres vieram logo recolher os pannos, na idéa de que alguém se tivesse aproximado para lh'os roubar. Então sentiu-se o bacharel no apogeu da sua victoria.—O

inimigo retira vencido e convencido pela minha palavra—foi a sua idéa. Effectivamente, as mulheres levaram a roupa e recolheram-se a uns casebres, que não estavam longe. Como o bacharel se calou, os cães, por sua vez, também retiraram o seu protesto, ficando apenas no campo dos sitiados, uma sombra mais densa, que toda a gente tomaria por bananeiras, mas que, para Chrysostomo, eram os despojos do exercito, recambiado pela sua eloquencia. O movimento que houvera parecia-lhe os aprestos da retirada. O nosso homem não cabia na pelle, naquella pelle, ha muito encarquilhada amarellecida, por falta de tecidos. Estava inchado como o cadaver dum naufrago, e o seu casaco de brim podia bem prescindir da viração naquella noite. Quasi volatilizado, poz-se a caminho para a villa, mas dentro de cem passos topou

com um corpo estendido ao longo da estrada. Era o pobre padre Antonio, que estava ali estirado á espera d'algum que lhe garantisse que ainda vivia. Chrysostomo tomou-o por uma das primeiras victimas dos ranes e com ella mais se glorificou no seu orgulho pelo triumpho alcançado. Se não fosse o escaldão do seu verbo inflammado, marcial... quantas victimas eguaes áquella não dormiriam no dia seguinte dentro e fóra das trincheiras e dos arraiaes da villa. Quando passou rente ao corpo da primeira victima dos ranes e a reconheceu,— exclamou com todo o desalento de quem perde uma esperanza derradeira:— mataram-m'o! mataram-m'o! o meu querido padre, o meu discipulo dilecto!..

Estas palayras, as lagrimas, as sufocações que ás acompanharam, deixaram o sacerdote. que nesse momento

recuperava os sentidos, realmente em duvida sobre a existencia a que era restituído. A doce voz de Chrysostomo que lhe acariciava os primeiros movimentos, a brandura dos seus affagos, tinham alguma coisa de indefinido e estavam bem longe de lhe poder aclarar a verdade da sua «situação animica,» como o bacharel chamou mais tarde áquelle estado em que o velho se apalpava e fixava os logares seus conhecidos, para continuar duvidando duma realidade, que só a noite tornava menos calida, berrante, impertinente. Chrysostomo levantou-o. Pareceu-lhe uma penna o corpo do velho com todo o pezo das suas virtudes. Acompanhou-o até a casa e tal foi o discurso em que lhe demonstrou que elle era o mesmo padre Antonio, que estava em Gôa, na posse do mesmo corpo, com os seus habitos talaes, que o sacer-

dote, ao chegar a casa, não hesitou em chamar o creado e recommendar-lhe que o acordasse no dia seguinte, ás 5 horas, para a missa das almas.

Desde a noite dos ranes o bacharel passou a ter um poder discrecional sobre a cabeça e o coração do discipulo, que a sua logica fizera resuscitar.

Este incidente retocou um pouco a figura do bacharel, escarnejado em toda a villa, em toda a comarca. No dia seguinte, a villa em pezo estava ao facto do perigo imminente por que todos haviam passado e do alto serviço prestado por Chrysostomo áquella terra sem defesa e inoffensiva. O padre contou o caso a toda a gente e Chrysostomo de seu lado fez outro tanto.

Eram duas versões concordantes, as que andavam em voga, e os narradores conseguiam geralmente fazer-se

acreditar. A agitação dos espiritos, naquelles tempos de medrosa incerteza, tornava o caso irrecusavel.

O padre chamou a Chrysostomo— «o Libertador»— e d'aquelle dia em diante o povo, por gratidão, conservou-lhe o epitheto.

Este movimento de sympathia, para com o magistrado, ganhou uma certa estabilidade, quando alguns funcionarios abalaram no dia seguinte para Pangim, a recolher-se no palacio do governo. A necessidade arvorára este barracão pombalino, não em reducto de defeza, mas num logar seguro para negociatas de paz e mais ainda de socego... pelas visceras de alguns dos seus habitantes, nesses dias tremendos.

Emquanto os seus camaradas evitavam a visita dos revoltosos, trancando as portas das suas casas e fugindo para Pangim, Chrysostomo pas-

seava pelas estradas, reputadas perigosas, sem outra arma que não fosse a sua eloquencia. Ao cahir da noite, dessa noite de tremores, Chrysostomo appareceu no centro da villa e arengou o povo. Disse-lhe que dormisse descansado, que elle guardaria a villa e que no dia seguinte, para que os receios não continuassem, iria a Satary. Como isto constou por toda a parte, os seus inimigos, ou aquelles a quem estas pavorosas aproveitam sempre, obtiveram que todas as hierarchias judiciaes inventadas e por inventar não lhe consentissem a excursão. De manhã, quando elle se preparava para ir a Valpoy, como Menenio Agrippa foi ao Aventino, recebeu esta communicação:

«Constando nesta repartição que V. tenciona ir a Satary com intuitos politicos, fica V., por determinação superior, prohibido de sahir da sua comar-

ca, durante o tempo que se houver por conveniente. Trata-se de evitar por esta forma uma temeridade com a qual, além de perigar a vida de V., se poderia agravar a situação politica presentemente anormal deste Estado. . . . »

Decididamente a conspiração contra a sua celebridade continuava.

Agora, com refohados intuitos, tutelavam-lhe a existencia e suppunham-no capaz de transtornar os trabalhos da pacificação !

— Maldito papel ! sem grammatica ! sem justiça ! sem sinceridade ! . . Indefinido . . . indeterminado, quasi anonymo, cobarde ! . . .

— «Determinação superior . . . » que forma vaga ! «que se houver por conveniente» ! . . «Trata-se . . . » mas quem, quem é que trata ? ! .

Num accesso de colera, que os inimigos diriam de loucura, Chrysostomo

espatifou o papel com uma indignação patricia.

Quem urdiria aquella cavillosa prohibição ? Eis o que preocupava o seu espirito, bastante agitado naquella hora, forçoso é confessá-lo. Mas, como poderia estar sereno, o homem que na ante-vespera salvara uma villa inteira e a quem a inveja de uns e a cubiçatura de outros vinham impedir a completação da sua obra de salvamento ? . . .

Os amigos deram-lhe então um novo derivativo á sua palavra sempre fecunda, irreprimivel. As familias de toda a comarca fizeram d'elle o seu homem. Não havia baptisado, casamento, torna-bôda em que o Doutor Chrysostomo fosse dispensado. Se a festa era de gente bem cotada, o bacharel recebia o convite directamente; mas se faltava o requisito, a que os phosphoro

centes burocratas de Gôa chamam com gravidade e reverencia convicta «categoria», então sollicitavam o empenho do padre Antonio, e o bacharel comparecia.

Nas primeiras «ocasiões» porque era o mais graduado, depois porque já ninguém se affoitava a exhibir talentos oratorios perante a genuina encarnação da eloquencia luso-indiana, Chrysostomo tornara-se o orador de todas as festas de familia. O tradicional brinde aos noivos,—sem o qual em Gôa os conjuges não teem licença de se querer por largos annos, ou de se arrepear oito dias depois,—era sempre Chrysostomo que o fazia.

A' eloquencia bellica succedera a eloquencia nupcial; eu, porém, que me orgulho de o ter ouvido em ambas, ficaria tão perplexo e indeciso se fosse obrigado a declarar-me por uma d'ellas,

como o rei Midas, o infeliz orelhudo da Phrygia, nos primeiros momentos em que escutou aquelle famoso certamen musical entre Pan e Apollo.

Estou a vê-lo: taça de *Champagne* na mão esquerda e o direito romano na lingua, enquanto com a direita affagava o ar num gesto airoso e macio. Dissertava sobre o casamento em Roma; espraiava-se sobre a espiritualisação que este contracto recebeu do christianismo e concluia, envolvendo em finas flores de rhetorica as bases da felicidade conjugal, obsequiando em seguida os noivos com esse ramalhete precioso. Os applausos estrepitavam por toda a sala e o bacharel sorria, como indifferente, ao auditorio que o victoriava.

Extinctos os ultimos pavores dos ranes, voltou para a comarca aquelle

maldito collega que lhe chamava— «o Doutor Allocução».

Assim que chegou á villa logo o venenoso magistrado se informou minuciosamente da vida que levava o seu emulo victorioso. Contaram-lhe tudo, sem que escapasse um só detalhe da aura familiar do «Libertador». O magistrado contrariado por ver que eram poucos aquelles a quem o prestigio de Chrysostomo não empolgára, veio a Pangim e contou por toda a parte a nova phase do St.^a Apolonia Rodrigues, forjando aneddotas grotescas, e episodios ridiculos a proposito de varios brindes do «Doutor Epithalamico», a nova alcunha do bacharel.

Um dia estava Chrysostomo estudando o seu discurso para umas bôdás muito auspiciadas nos jornaes da terra, quando o creado lhe apresentou um subscripto com as iniciaes S. N. R.

Abriu-o e empallideceu.

Era uma circular baixada da estação competente,—que elle suscitára de certo,—recommendo aos magistrados que se abstivessem, quanto possível, do convívio frequente e de relações intimas com os seus jurisdicionados. Chrysostomo não poudé ver o lado moral da recommendação; tomou-a como um novo ataque, mais um fundo golpe, vibrado na sua notabilidade, e a idéa de que todos o perseguiam accentuou-se definitivamente no seu espirito.

Vendo-se o bacharel sequestrado por esta forma á convivencia dos vivos, voltou as suas vistas para os mortos. Fez-se orador funerario. Durante quasi um anno, ninguem desceu á sepultura no cemiterio da villa, que antes de ser enterrado não vogasse no diluvio de lagrimas que a sua palavra fazia affluir aos olhos dos parentes e

amigos do defuncto. Se em Gôa houvesse agencias de funeraes, tê-lo-hiam calumniado. Teriam dito que elle recebia dinheiro para ornar com a sua palavra os enterros de primeira classe. A falta destas agencias evitou-lhe mais uma calumpnia; mas uma estrella perversa perseguia realmente o notavel magistrado. Quando naquella terra aventurada se olhava já para a morte como para uma celebração; quando já ninguém receava ter de viajar incognito no mundo do mysterio,—tal certeza havia nas allocuções funebres do bacharel e taes creditos de immorredouras tinham ellas ganho!—eis que o senhor patriarcha das Indias Orientaes prohibe os discursos á beira do tumulo!

Creio que a medida teve uma origem de character bastante geral. O virtuoso prelado condoera-se da sorte dos defunctos, geralmente muito apo-

quentados, nas primicias do somno eterno; mas Chrysostomo não o entendeu assim.

Até a Egreja me persegue!—gritava elle, aturdido, desvairado. O Estado e a Egreja, os inimigos irreconciliaveis, de mãos dadas para me perderem!..

Debalde o padre e Delphina quizeram socegar o enfermo nos furores e nos quebrantos d'aquelle dia aniquilante.

O padre Antonio, vendo Chrysostomo irremediavelmente perdido, pensou até em vir a Pangim sollicitar do seu prelado uma tolerancia especial a favor do bacharel; mas a eloquencia em Chrysostomo era como certas funcções organicas que uma vez impedidas logo trazem perturbações graves e muitas vezes a morte. Quantas almas nascem para o amor e logo fallecem se este ladino as abandona! Quantos insectos nascem com a aurora, com o sol, e

morrem quando este amigo dos poetas e das cigarras lhes falta com a sua luz!

A função, o amor, o sol, a luz do bacharel era a sua eloquencia. A natureza, ao deitá-lo no seu berço de Traz-dos-Montes, dissera:— vae e falla!.. No dia pois em que elle tivesse de se calar, cessaria a razão de existir da unica figura de primeira grandeza que Portugal mandou á India nos ultimos annos do seculo dezenove. E cessou; mas a sua acção foi grandiosa. Corresponde, toda ella, ao chamado «periodo da hegemonia judicial em Gôa,» quer dizer, quando os bachareis com os seus conhecimentos *á priori* e de coração á larga reinaram por cá, á tripa fôrra, apenas com os contra-tempos dysentericos das revoltas.

Chrysostomø já tinha feito o seu

elogio funebre e, após o primeiro ataque d'aquelle dia terrivel, pediu ao discipulo, ao padre Antonio, que o dissesse á sahida da egreja, á porta do cemiterio, fosse onde fosse! mas que o dissesse. Foi a derradeira peça oratoria do bacharel. Mozart tambem compoz o seu *requiem*.

Já era noite fechada quando Delphina o viu mais socegado. Levou-lhe então os filhos para junto do leito. As creanças chilreavam em volta do pae que não as conhecia. O delirio havia cessado, mas a prostração era mortal.

O bacharel ao saber a ordem do patriarchado, ao cahir fulminado pelo raio da prohibição dos discursos funebres, gritára, no meio duma suffocação horrivel— mataram-me! mataram-me! e com effeito foram as suas ultimas palavras.

A' meia-noite bateu-lhe á porta uma

velha muito ligeira, impertinente e decidida. Não houve meio de lhe vedar a entrada. Abrândada de maneiras, pediu licença para fallar ao doente. Entrou na alcova, abeirou-se do bacharel e convidou-o em segredo, muito baixinho, para ir ver os seus collegas Demosthenes, Cicero, Mirabeau, William Pitt, Castellar, José Estevam... que já o esperavam com anciedade. Esta lisonja que foi o nectar ineffavel duma reivindicação tardia, fundiu-a elle em duas lagrimas voluptuosas, indefiniveis. Foram as derradeiras, mas as mais doces que aquelles olhos choraram.

Assim acabou o Doutor Chrysostomo de St.^a Apolonia Rodrigues, bacharel formado pela Universidade de Coimbra e magistrado portuguez ultramarino. Que tinha talento e conhecimentos intuitivos sobre todos os ramos do saber e da actividade humana, já-

mais alguém lh'o contestou. Não trazia elle idéas feitas, perfeitas e precisas sobre Gôa, sua gente e costumes, muito antes de chegar a terras do Industão?!

Morreu com uma congestão na terceira circumvolução frontal esquerda, especie de antigo solar de damas treslabiadas, que os psychologos alugaram ha tempo para residencia da nossa linguagem.

Fulminou-o a propria superioridade, que tanto pesou sobre a inveja dos mediocres. Deixou um escripto confuso, lacónico, (o seu talento era oral), com alguns conselhos e determinações á familia. Nelle perdoava aos mediocres que o tinham offendido na sua superioridade, e lá estava tambem a sabia disposição pela qual em sua casa, todos os dias, depois de jantar, devia ser lida uma das suas allocuções numerosas. Elle mesmo indicava sete, e as distribuia pelos dias da semana.

Ao alar-se aquelle genio sublime, para lá, para os paramos onde o esperavam todos esses engenhos congêneres, com que a morte o engodára e atrahira, um sorriso lhe floriu os labios: é que o Doutor Chrysostomo ia certo do logar que uma lisonja tão alliciadora lhe assignalára entre os grandes da palavra. Assim devem ter sido os derradeiros sorrisos dos martyres do christianismo, espotejados pelas feras, no colyseu de Roma, na certeza espiritual do seu ingresso immediato no gremio paradisiaco dos Apostolos e discipulos dilectos do Salvador!

Delphina, nos paroxismos duma saudade incutida de remorsos, propendeu para uma devoção exagerada. Dizia muitas vezes aos filhos que o pae estava no Ceo, entre o nosso padre Manoel Bernardes e o erudito pregador Bossuet; e tambem, quasi sempre com as mesmas phrases

de supplica vehemente—em que se podia entrever os effeitos apanhados, durante o convivio conjugal, ao cinzel do fallecido orador Chrysostomo,—repetia todos os dias, perante elles, varias preces ineditas, cada vez mais receosa de que não fossem aquellas sementes de futura eloquencia impeccavel, os seus pequenos palheiros, grelar, para ahi, em algum terreno estrumado de impiedade e corrupção.

MILAGRES DE S. FRANCISCO

Morto Chrysostomo, Delphina arrancou ás suas devoções preceitos rigorosos da mais espremida economia. Para folgar o pé-de-meia, que o bacharel capitalisára, reduzia e distanciava as refeições, vestindo, ao mesmo tempo, os filhos com aqueles casacos de brim branco, que as brisas do Mandovy enfunavam outrora orgulhosas, como o velame duma embarcação em transito. Também os filhos do bacharel engordavam de repente, quando numa rajada intensa, o vento lhes suppria o arredondamento natural das carnes em

fallencia. Para olhos estranhos, *aquillo* era de serem o retrato vivo do pae; mas para Delphina, que sacudia sempre para longe de si a idéa vã d'essas semelhanças fatidicas,— não lhe reeditassem ellas, em algum dos filhos, os dias amargos do magistrado,— o tal *aquillo* tinha uma explicação bem simples. Eram as suas mãos que accommodavam os fatos do bacharel á ninhada pennugenta e rachitica, chocada á sombra d'aquelle palmar que sabia de cór os arulhos de Delphina e Chrysostomo. E não era ella que reduzia e distanciava as refeições, para folgar o pé-de-meia que o bacharel tinha deixado ao canto duma gaveta? . . . Como tudo era obra do seu coração alanceado e da sua cabeça rebatida, Delphina chorava durante as rezas e pouco dormia, porque rezava quasi sempre.

Nunca desejou a morte. Era um

espírito religioso, e tinha filhos. E depois, não estava o bacharel lá no Céu, entre o nosso padre Manuel Bernardes e o erudito prégador Bossuet? . . . Como poderia approximar-se de Chrysostomo, ella, que nunca tivera outra eloquencia senão a linguagem insulsa, elegiaca, do seu violino abysmado? . . . Dir-se-ia que uma vida passada aqui, no meio de castas, classes e jerarchias, levára a viuva a crer que na sociedade celeste, na eternidade, houvesse uma organização identica! Obscureciam-lhe o coração magoado curtos e cerrados horisontes. Queria enveihecer no luto e na saudade. Até perdêra o gosto pela musica!

Dizia o padre Antonio, o homem fanatisado pelos lampejos intellectuaes do bacharel, que Delphina, depois da morte do marido, nunca mais chamára á realidade o mundo infinito de sons pos-

siveis do seu violino em repouso. E o trémulo bastante sumido em que a sua velha encordoação de barytono desafinava esta informação exacta, mas tortuosa, era escutado como um artigo de fé.

Tresandava muito a escolastica esta maneira de contar que a penitente esposa do bacharel perdêra o gosto pela musica, e que o seu violino estava lá para um canto, como coisa morta, desde que o orador se fôra a arengar os anjos. Aquella possibilidade de um mundo infinito de sons, no violino de Delphina, á espera que a viuva obstinada os trouxesse á realidade,—talvez com aquelle mesmo arco com que desferira o coração do Doutor Chrysostomo,—deve ter abalado S. Thomaz d'Aquino, lá, na sua immortalidade espiritalissima, se a luz do seu espirito na Bemaventurança pôde ter estremecimentos ou ser perturbada nas suas

scintillações.

Não era ao seminario de Rachol, onde o bondoso padre cursára theologia para uso proprio e elevação dos seus fieis, que elle arrancava aquella subtileza de existencias no estado de possibilidade e no estado real.

Quem não vê, naquelles possiveis e reaes, os irmãos gêmeos dos sentidos latos e estrictos, as passagens affoitas e bem calculadas do subjectivo para o objectivo, as deducções do absoluto para o relativo, e todos esses elementos abstractos e concretos, que fizeram a reputação universitaria do bacharel Chrysostomo Rodrigues? . .

Comprehendia-se bem que Chrysostomo não tinha passado, sem deixar os vestigios indeleveis da sua sabedoria universal e da sua orientação superior. Era assim que o cerebro do sacerdote desabrochava no ambiente illuminado

pelo espirito do orador nato, e muitas outras phrases de igual rigor didactico vieram a jorros mostrar os effeitos posthumos d'aquelle convivio fertilissimo.

Reparava Delphina como a sua fazenda mingoava, á medida que os filhos cresciam, delgados e frios, como as arqueiras do seu quintal alugado.

Um dia, disse ella, amargamente:— não tarda que os nossos jantares se resumam nas allocuções que Chrysostomo nos deixou para a sobremesa! Ouviram os filhos este annuncio de sobriedade irreductivel, e os mais velhos, familiarizados, ha tempo, com aquella penuria mal enganada, olharam tristemente para a mãe, levando-lhe uma pergunta nos olhos.

Entendeu-a Delphina e acudiu ao orgulho das crianças, gritando, numa excitação subitanea,—isso nunca!...ao

mesmo tempo que as apertava contra o peito. Depois, esperou que os emollientes da sua brandura habitual fossem cahindo, gotta a gotta, sobre a natureza compassiva dos seus nervos inconsistentes, e apenas accrescentou: os filhos do Doutor St.^a Apolonia Rodrigues não devem pedir esmola!

Começaram as crianças a andar quasi sempre na rua, a comer fructos, que cahiam das arvores, não sazoados; e a vizinhança notava que a mãe não as reprehendia, quando ellas devoravam atas abertas e escaldadas pelo sol, jago-mas verdes de novidade, ansalés, cujos caroços parecem cabeças de criança, papaias picadas pelos passaros e roidas pelas formigas...

Então voltou o mesmo *aquillo* á bocca da bondosa gente da villa, mas d'esta vez ferozmente laconico. *Aquillo*

é fome!—pensaram os primeiros; d'ahi a pouco outros cochicharam o mesmo ao ouvido dos vizinhos, e não faltou quem tivesse a impudencia de o repetir em voz alta.

Foi nessa occasião que as crianças fugiram, como um bando de passaros assustados pelo tiro do caçador. Aquella palavra envergonhava, feria certa, e por isso todas correram a occultar a dôr e o vexame no seio descarnado da pobre violinista.

Recebeu-os Delphina, aturdida, magoada, e já nesse dia a allocução paterna cahiu em estomagos quasi vasios.

A' tarde divulgou-se abertamente a pobreza extrema da viuva do bacharel.

Consequira Delphina esconder a sua miseria até á ultima rupia, como alguma cousa que podia escurecer a memoria do marido, bacharel em leis e magistrado ultramarino. Tambem ha-

via sido o prestigio da carta, encerrada num canudo de lata, ao lado da pasta do quinto-anno, que lhe suggerira aquelle *nunca!* altaneiro, quando os filhos do bacharel se lembraram de que podiam esmolar.

A's quatro horas, já aquella nova com azas negras tinha chegado á fronteira do territorio portuguez. Na diffusão accelerada, que os indifferentes lhe promoveram, lá deitou tambem até á porta d'aquelle presbytero honesto, tão dado a tirar realidades das existencias meramente possiveis, e para quem o Doutor Chrysostomo fôra um assombro de dialectica, um mestre, a maior invenção do espiritalismo!

O bom padre tinha conversado muito com o bacharel. As almas boas são assim: não sabem conviver sem amar. O velho sacerdote tivera sempre uma ternura paternal, irresistivel, pelo

Doutor Chrysostomo, e no dia em que o magistrado impetuoso lhe déra a sua palavra de honra de que havia concedido o Infinito,—o sacerdote principiou a ver n'elle o traço de união entre os espiritos descidos á contigencia e o Incognoscivel. Cegueira, filha dum sentimento que o velho deixára crescer á vontade, sem reparar que alguma vez elle viria a ser maior do que a sua razão. O padre, depois dos hagiographos e dos livros dos Santos Padres, tinha um livro unico que adorava,—eram as reminiscencias philosophico-oratorias que a sua senilidade retinha de tudo quanto ouvira ao bacharel.

Para aquelle que pouco saiba de amizades, para quem uma dedicação seja apenas uma compra a prestações de futuras larguezas, para tão conspicuos moralistas, o honesto padre Antonio com o seu entusiasmo pelo Doutor

St.^a Apolonia não passará dum velho cachético ou imbecil. Assim o julgaram nesses dias os que alvejavam a sua substituição.

Mas, bem lhe importava a elle, o que adiantavam sobre o estado do seu entendimento. Não andára elle toda a vida sem collação!! Só porque o empolgára a vivacidade d'aquelle rapaz infeliz e perseguido, quantos ultrages soffridos! Não o tinham envolvido no mesmo odio os inimigos de Chrysostomo?... Até, entre as suas ovelhas, havia quem sustentasse que as suas homilias e as praticas das sextas feiras,—refinadas em estylo, desde que o bacharel viéra para ali,—eram obra do seu amigo Chrysostomo. A tudo sorria o virtuoso sacerdote, sorvendo uma pitada do seu meio-grosso secco e dando largas á sua unica fraqueza: o padre Antonio nunca pudera ser superior á

influencia oratoria do verbo universitario, cuja encarnação, para elle, fôra sempre o extincto magistrado.

Após a morte do bacharel, Delphina poucas vezes recebera a visita do padre. Naturalmente o bom velho não podia assistir ao desmantelamento d'aquella casa, a desguarnecer-se, a escoar-se por todos os derivativos. Visitas, para quê? Se lá faltava o homem... e que homem!—exclamava elle, com a velha encordoação de barytono quasi a estalar,—aquelle Bocca de Oiro! aquelle Bocca de Oiro!..

Era assim que o padre fechava o arrazoado das suas nostalgias; mas muito baixinho, porque S. João Chrysostomo tambem tinha este cognome illustre, e os seus inimigos, se o ouvissem, de certo iriam accusa-lo de profanador.

Entrou o padre, como se nada soubesse, em casa da viuva do bacharel. Saudaram-no todos, mãe e filhos, com a alegria de que são capazes os desgraçados... pallido clarão, luz alvacentas, desbotada, que o sol põe ás vezes momentaneamente no meio do crepusculo duma tarde invernosa. O velho sorriu, afagou, e tentou aquecer em mimos aquellas imaginações sem azas. Depois tocou ao de leve em todas as futilidades da semana. Delphina respondia-lhe por complacencia. O padre tinha o uso aturado do confissionario e sabia, como poucos, preparar a explosão duma consciencia retrahida. Comtudo, por tres vezes teve de mudar de assumpto sem que o seu coração fosse ao encontro do vizinho confrangido e segredoso. Por fim perguntou:

—O que fazem, amanhã?..

Delphina estremeceu.

—Esses nervos não andam bons, Delphina; pois um dia como o de amanhã põe-na assim a tremer como tamarindeiro ao terral... Ora, vamos lá, que não é pequeno o dia de amanhã... domingo—e ainda por cima dia de Todos os Santos.

Delphina não pôde conter-se por mais tempo. Duas grandes lagrimas lhe rolaram pela cara abaixo, muito ardentes e muito salgadas.

Domingo... e dia de Todos os Santos—repetia ella, sem saber o que repetia.

Que grande dia, minha bôa irmã, que grande dia!—continuava o padre.

Delphina olhava para os filhos, enquanto o padre Antonio tentava algumas phrases que determinassem bem ao certo o tamanho do dia santificado. Mas, de subito, prostrando-se machinal-

mente defronte da cadeira, onde estava sentado o pastor da sua alma, soltou as convulsões dum choro afflictivo, que era enorme, porque havia sido longo tempo retido.

—Que é isto, minha bôa irmã, que é isto?! acudiu o padre, precipitadamente.

Então Delphina, com os olhos rasos de ágoa e numa excitação que parecia febre, contou ao bondoso velho o que elle estava farto de saber. Entretanto o presbytero veneravel tratava de compôr, com a maior naturalidade possivel, um inequivoco ar de surpresa, ao mesmo tempo que simulava prestar toda a attenção ao rosario de amarguras, que a pobre senhora ia desenfando, ali, conta a conta, na presença dos filhos. Tudo lhe contou Delphina. Sómente calou a phrase—*aquillo é fome*; que muitos haviam tido a impúencia de dizer

em voz alta,—pôrque ella . . . fazia chorar as crianças.

—E que tenciona fazer?— perguntou o padre.

—Eu sei lá! Tenho sido muito aconselhada, mas a minha idéa era ouvi-lo.

—E o que lhe tem dito? . . .

—Uns que trate de assoldadar os pequenos mais velhos e comece a dar lições de violino; outros que mande o meu Francisco para Bombaim, e que trabalhe para fóra. O meu senhorio, o Naique, quer, á viva força, que eu tente uma acção contra meu irmão, a quem Chrysostomo, por indifferença ou generosidade, deixou na posse inteira do pouco que tinham meus paes. Tambem recebi carta do dr. Nepomuceno. Este, lembrando-me as antigas relações de Chrysostomo com o presidente da Relação, insta commigo para que o procure; mas o tenente Lopes, que está

aqui, no destacamento, acha inuteis os medianeiros e aconselha-me a que vá, com os meus filhos, deitar-me aos pés do governador.

Aqui fez aquella mulher virtuosa uma ligeira pausa para depois continuar, com os olhos muito humidos, a historia das injurias, que á conta da sua penuria lhe andavam em torno dos ouvidos.

E na verdade não faltava quem a apodasse de orgulhosa:

—Isso ha de ser por que o marido era doutor . . .

—Prefere trazer os filhos roídos de fome a pedir um fardo de arroz.

—Pois que engorde ella e os filhos com a carta de bacharel do Doutor Chrysostomo, já que tanto enche a bocca com o tal canudo de lata e com a pasta do seu defuncto marido!

Eram tres amigas dos tempos da

fatura, que tendo muita pena das crianças,—segundo ellas carpiam,—rematavam d'este modo a decima conferencia sobre o caso de Delphina.

Como estas havia outras e outros que, por caridade, levavam o escarneo ás privações cerradas da pobre familia do Doutor Chrysostomo.

O sacerdote foi deixando a viuva desabafar. Pouco depois Delphina voltou á sua idéa fixa: o conselho d'aquelle homem, que ali estava, e que ella já resolvera procurar.

—Diga-me, padre Antonio, o que faço; vou dar lições ou deitar-me aos pés do governador?— e contrafazia uma attitude animosa.

O profanador de S. João Chrysostomo baixou os olhos e sorrindo intimamente. . .

--A S. Francisco Xavier ninguem

lhe disse que fosse? . .

Delphina não respondeu. Num grande sobresalto de esperança, o coração batia-lhe tão forte que não a deixava fallar.

Seccaram-se-lhe os olhos, computaram-se-lhe as feições e assim ficou, para ali, como num sonho. Entretanto o velho, explorando este alheamento, ia dizendo com grandes gestos e com toda a sonoridade de que era capaz a sua velha encordoação de barytono: Que tudo eram apprehensões exaggeradas duma mãe, receosa de avistar algum dia de escassez.

Quiz Delphina interrompê-lo por duas vezes, mas era então que elle gesticulava mais fortemente e fallava de fórma a não se deixar contradizer.

—Deixe-se de receios temporãos! A necessidade tambem tem seus vagares. A senhora não está com a corda na gar-

ganta, como se costuma dizer, para ahi, em linguagem vulgar. Os seus recursos, embora já bastante mingoados, ainda lhe darão, para mais algum tempo. Vá amanhã a Velha Gôa, entre confiante no Bom Jesus, e veremos o que faz o grande Apostolo das Indias. Maiores milagres tem elle praticado, do que valer a uma familia que vae empobrecendo! A tona forneço eu, que tambem quero concorrer para o prodigio.

—O senhor padre Antonio tambem vae?— perguntou Francisco, o filho mais velho do bacharel.

—Não, menino. A' hora em que tua mãe estiver orando ao teu padrinho, virei eu benzer esta casa. Com o coração crente e a casa benta o que não vos fará o Santo!

E sahiu rindo, rindo muito, como se quizesse mostrar com aquelle riso,

que não acreditava na miseria extrema, a que tinha chegado a familia do seu chorado «Bocca de Oiro»! e comtudo mal se viu na sombra das arvores que ladêam a estrada, logo entrou a dizer para comsigo:

—Se não venho, talvez amanhã não comessem...

Que dedicação tão pouco conforme com as côres garridas e grosseiras de que se tingem quasi sempre as bôas acções!.. que aristocracia naquella maneira de ser caritativo!

Delphina continuava a sentir a uncção ineffavel que o nome do milagroso S Francisco derramára no seu temperamento de mulher devota; mas agora tambem ella via que a aureola resplandecente do Santo estava dando em cheio na fronte d'aquelle velho que d'ali sahira.

A noite desceu vagarosamente como uma promessa de ventura. As crianças adormeceram, e a mãe começou as suas orações, baixando a vista sobre a mollidão d'aquelles corpos mal alimentados. Ia longe a desesperação de todo aquelle dia fartò de injurias, quando a pobre senhora, dobrada pelo cansaço, se quedou para ali, como dormindo, sem ouvir a voz dum filho que recitava a sonhar trechos das allocuções, bem vivas na memoria de todos, porque sempre eram lidas á sobremesa do jantar. As palavras de Chrysostomo e aquella voz tão semelhante á sua tê-la-iam feito acreditar numa resurreição...

Na manhã seguinte sahiram muito cedo. Ainda a estrella d'alva se media com a luz incipiente duma madrugada sem nuvens. Primeiro foram a casa do seu propheta. O padre dormia ainda a

somno solto. Um creado recebeu a chave da casa de Delphina, e a familia do bacharel lá foi, estrada abaixo, a caminho do rio. Aquellas almas alvoroçadas em tudo achavam graça, desafogo e leveza, em tudo enxergavam surpresas e amavios. Foram avançando. Os cajueiros respiravam frescura nas ultimas sombras humidas e silenciosas do alvorecer. Os caminhos iam clareando, e o verde-negro das arvores tornava-se gradualmente mais vivo. Perto do rio os maçaricos chilreavam e saltavam de arvore para arvore, como as crianças de sombra para sombra. A aurora, na sua purpura oriental, até deslumbrava as gralhas nos seus recessos nocturnos. Ao avistarem a tona e os marinheiros, mãe e filhos estugaram o passo. Havia tal musica no borbulhar da corrente contra a prôa do barco e contra os remos que Delphina susteve

alguns momentos, na sua memoria enfraquecida, a sonora transparencia da voz do bacharel e as notas mais puras do seu violino esquecido.

Os homens principiaram a remar e a cantar um mandó que fazia rir a criançada. A tona ia leveira com vento e maré a favor. De subito o sol rompeu triumphal e galgou apressado os montes de Satary. Ainda não cança nem arrefece por cá o rei das alegrias; por isso, os marinheiros, uma hora depois, se escapavam dos seus primeiros ardores, procurando as sombras, muito estendidas sobre as ágoas, das palmeiras silentes da Velha Cidade.

A tona atracou, e as crianças logo saltaram contentes a chamar umas pelas outras. Não as alegrava a idéa da restauração dos seus recursos extinctos. As crianças são como os passaros dos quaes o Mestre dizia:—«olhae as avesi-

nhas do céu! ellas não semêam nem colhem. . . .» O entusiasmo e o alvoroço do coração de Delphina não era menos infantil, embora mais concentrado. Para aquellas era a folia dumas horas tão diversas das outras horas! Em Delphina era a sagrada confiança, firme e indestructivel, no padrinho de seu filho mais velho, no patrono de toda a India christã ou gentilica. O sol apertava. Passaram o arco dos Vice-reis, galgaram a pequena rampa que termina entre a Sé e S. Caetano e foram sempre ligeiros, em busca da sombra e da felicidade, parar ás portas do Bom Jesus. A igreja estava aberta. Entraram. Delphina foi immediatamente com os filhos em volta de si ajoelhar junto da capella de S. Francisco,—mais cheia com a graça do corpinho sagrado que ali se mumifica na lentidão dos seculos do que com aquelle soberbo tumulo que o encerra,

em desproporção com a humildade do Santo e com o tamanho do retabulo.

Eram 8 horas.

A'quella mesma hora estava o fanatico do bacharel Chrysostomo, o nosso presbytero veneravel, benzendo a casa da viuva e attestando aos seus proprios olhos, e só a elles, que conhecia os cantos d'aquella triste habitação.

Delphina, no auge da sua sobreexcitação religiosa, extenuada pelas fadigas d'aquelles dias ultimos, pela canceira da viagem, em jejum (talvez ella não soubesse desde quando) e com a cabeça cheia de sol, cahiu sem sentidos, ali, muito perto de S. Francisco, mesmo á beirinha do seu tumulo sagrado.

Os pequenos correram a chamar alguém. Houve logo quem acudisse; levaram-na para cima, para o convento.

Escrevera o padre Antonio ao seu collega de Bom Jesus prevenindo-o de que a viuva do Doutor Chrysostomo ia, naquella manhã, a Velha Gôa para cumprir uma promessa. E acrescentava na aristocracia do seu modo de ser caritativo: «como a senhora D. Delphina sahe da casa muito cedo, faz-lhe mais conta almoçar ahi. . .»

Por isso, quando a viram melhor, lhe serviram um almoço abundante e lhe banquetearam os filhos.

O resto do dia de Todos os Santos passou para Delphina como o tempo que a gente aproveita a segurar uma realidade que nos parece um sonho. Depois, quando os sinos começaram a chamar as sombras para aquelle ermo doentio, já a tona dos romeiros, bem almoçados, ia longe do montão de ruínas, onde as pedras dormem desennobercidas, murando palmares ou vedan-

do barrancos.

A'quella hora Delphina, lançando os olhos para as sete manchas brancas em fundo verde-escuro, os sete conventos com que se annuncia ao longe a velha cidade morta, lembrou-se dum fragmento da allocução sobre Velha Gôa, que Chrysostomo rasgára num impeto de indignação contra o seu alto engenho tão raras vezes sujeito a taras. E os filhos escutaram:

«...Quando a estação das chuvas os rodeia e abriga com repontantes plantas sylvestres, aquelles blocos parecem comprazer-se. Ao contacto vicejante d'esses adornos da soledade,—que, no decurso de alguns mezes, tornam menos carregado o doloroso quadro de abandono da velha capital,— é que as ruínas entoam canticos triumphaes, suppondo-se talvez cobertas de grinaldas e colgaduras, como no dia auroal

em que D. João de Castro voltou de Diu. Mas o sol depressa volta a queimar, através dos coqueiros, esses motivos ensossos duma invocação tardia, e as tristes pedras lá tornam a ficar como anteriormente, escaldadas, desguarnecidas, á espera de qualquer mão protegida, que as cubice para a construcção de alguma casa barata...»

Com estas palavras do pae, a respeito dos escombros e matagaes chamados «a Velha Cidade», viram as crianças o ultimo clarão do dia que se apagava para ellas, além, na fortaleza da Agoáda.

Surprehendeu-os a noite no caminho, mas havia luar, e a villa não estava longe.

Esperava-os o benzedor da casa da viuva com um jantar de cara direita. Durante o jantar, contou Delphina os acontecimentos do dia, e o padre disse

summariamente:—Eu tambem lá deitei a benção á casa... ás 8 horas.

Acabou a refeição, e não houve tempo para palestras. Os pequerruchos adormeciam pelas cadeiras.

Delphina despediu-se, e em menos de oito minutos chegaram a casa. Francisco accendeu a luz, e a viuva olhou para a imagem do grande Apostolo das Indias, que estava na parede do fundo. Sem saber porquê, estremeceu á idéa de que a figura se movesse na tela, e fechou os olhos. Ao tornar a abri-los, o acaso levou-lh'os para uma commoda de cissó, onde guardava a roupa dos filhos. Ahi viu ella um sacco, mesmo debaixo da imagem do Santo. Approximou-se entre receosa e resoluta: abriu-o e... ó milagre! assombroso milagre! o sacco estava cheio de rupias.

A alquebrada violinista não poude reprimir o desvairamento do seu co-

ração. Beijou a imagem do Santo, beijou a parede, a commoda, o chão... e, nesta postura humilde, as suas lagrimas sensibilisaram os filhos que, de joelhos, abraçados á mãe, tambem choravam, sem saber porquê.

No dia seguinte, foi a viuva de Chrysostomo contar tudo ao padre Antonio que, maravilhado, repisava muitas vezes:

Então... o que lhe disse eu?... o que lhe disse eu?!...

Fallou-lhe Delphina nos seus planos de economia para dar uma longa duração áquelle dinheiro bemdito,— e o seu guia espiritual contrapoz,—que lhe agradava a fórma como os planos tinham sido expostos, porque havia n'ella uns resaibros da eloquencia didactica do Doutor Chrysostomo, mas... quanto á idéa, estava tudo reprovado.

—Leve os pequenos, muito janotas, a agradecer a S. Francisco no seu grande dia. Já não falta senão um mez. Arrange tambem outro vestido para si, que esse já não está muito proprio para visitar homens quanto mais santos! e até lá comam e bebam, engordem e ponham-se bonitos, que S. Francisco não faz milagres para as privações continuarem.

—E depois?...

—Depois... o Santo que faz um milagre e o vê bem comprehendido, faz dois, tres, quatro... quantos sejam necessarios!

Voltou Delphina para casa e fez obra pelo que acabava de ouvir. Comprou roupa para os filhos sobretudo roupa branca. Para si comprou um vestido preto. O que ella tinha já não era de luto... estava verde.

No domingo seguinte, o padre, que

não perdia o ensejo de ostentar as galas da sua palavra, desde que a eloquencia do bacharel se lhe enroscára na cabeça, no peito, e não sei se, nas visceras, fez uma prédica que edificou todos os fieis. Foi a narrativa empolada, torcida, subtilizada, do novo milagre de S. Francisco com todos os pormenores e exhortações.

Alguns amigos do clero, que não viam com bons olhos as virtudes do pregador,—em todo caso innegaveis,—negaram-lhe a originalidade das expressões. Levaram mesmo o seu despeito a citar phrases inteiras, que passavam, no seu maldizer, por terem sahido do cinzel impeccavel do bacharel.

D'esse dia em diante, Delphina foi olhada com superstição por todo o povo da villa e das aldêas mais proximas. A fama do milagre estendeu-se, chegou a Pangim, e outro bacharel sem

eloquencia nata, teve idéa de a pedir em casamento, *a priori* em materia de sympathia, mas depois de saber, *a posteriori*, com quanto a dotaria o mãos largas de S. Francisco Xavier.

Os moiros, que fazem o commercio de roupas, affluam á porta de Delphina, não por espirito de ganancia, mas porque desejavam possuir como reliquias, é claro, algumas rupias do Santo milagroso. Uma vez, até lá foi dar um vendedor de perfumes indianos de Hyderabad. Levava o precioso *patche* que é pezado a perolas; ambar, sandalo, *Vála*, o *irvahatsapah* côr de amendoa que, posto no ouvido, faz adormecer profundamente, e o *Koch* que refresca muito a pelle e tem mais aroma no verão.

Delphina ainda tinha sangue dos portuguezes que de antes vinham á India com pouco, e que de cá saham

com menos. Além d'isso, o padre aconselhava invariavelmente:

—Gaste, gaste! não envergonhe o Santo milagroso. Faça como eu, que tambem gasto o que tento e fico contente, porque assim durmo certo de que a usura não virá reunir-se ao meu rheumatismo implacavel.

Ella ouvia, acreditava e gastava. Quando o gentio de Hyderabad appareceu com os perfumes, lembrou-se de que o liquido verde, o tal *irvahatsapah*, cujo aroma regalava as crianças, podia adormecê-las sempre que uma dôr qualquer as atormentasse. Todos se contentaram com o mogarim, por ser o mais barato. Delphina comprou algumas rupias de *irvahatsapah*.

Depois tambem se fez muito esmóler, e a sua alma piedosa não sabia graduar a caridade.

Chegou a festa de S. Francisco Xavier, e ella lá foi com os pequenos muito janotas, gordos e bonitos. O padre, que veiu á janella para a vêr passar, saudou-a: «Como vae linda, minha senhora, como vae linda! Hoje é que S. Francisco Xavier lhe enche a casa. Eu lá irei benzê-la.»

Estas phrases tornaram-lhe o dia festivo. Delphina tinha uma fé ardentissima. Por isso gastou cheia de confiança a ultima rupia num cirio azul, para offerecer ao seu protector celeste. O padre, seguindo-a com a vista, alteou os seus pensamentos para aquella flôr da eloquencia portugueza, que se fôra tão cedo a arengar os anjos, deixando na terra aquelle anjo a rescender virtude.

A festa de S. Francisco estava no auge do seu esplendor, quando aquella

a quem já chamavam— a Delphina de S. Francisco,— lá chegou com o seu ranchinho teful. Era quasi impossivel a uma senhora, rodeada de crianças, approximar-se do Santo festejado. O povo movia-se, circulava, mas sempre em chusma densa, compacta e inseparavel. Eram brahmanes, marathas, moiros, gugires...mulheres de todas as crenças e de todas as castas. As christãs casadas cobriam as suas galas com lençoes brancos como um cortejo de almas penadas. Algumas gentias de perfil aristocratico, com as sobrancelhas muito finas e arqueadas, roçagantes nos seus pannos ricos de seda indiana, bordados a matiz e laminados de oiro, traziam aljofres em pinhas pela cabeça, pelas orelhas e *nôths*, com esmeraldas e perolas:—restos duma opulencia que não vae longe, mas que se perde quasi sem vestigios. Em muitas, as

flôres substituíam as joias. Estas tinham o toucado coberto com zaiôs, mogarins, abolins, rosan. . .

Famílias inteiras de todos os pontos de Gôa, com tudo o que o seu trabalho poude accumular e transmittir, representado em roupas caras e em joias, haviam concorrido com a sua alegria cançada áquelle logar de piedade. . . E ainda, pelas estradas vinham ranchos de raparigas christãs muito esbeltas, com a vivacidade propria das mulheres de trabalho, envoltas em pannos vistosos, com muito oiro a escurrer-lhes da cabeça para o pescoço e do pescoço para os seios. . .

E o sol, o flammante sol da India, a fazer rebrilhar tecidos, oiros e pedrarias, e a affagar as flôres cheirosas com que todos os crentes, christãos e gentios, fieis ou infieis, enramalhetam as *vati* que vão offerecer a esse outro

sol espiritual tão vivo na alma do indio, confortando-a na desgraça, engratendo-a, como aquelle que lá de cima lhe aquece o corpo e lhe amadurece as cearas.

Todo esse arremedo falso dos tempos aureos de Gôa entreteve os olhos de Delphina e dos filhos durante o dia quasi todo.

Pelas duas horas, aos ultimos accordes do orgão do Bom Jesus, a multidão desconjunctou-se, desfez-se, espalhou-se, como uma constellação que se desconcertasse, como a flôr cujas folhas se dispersam ao sopro do mesmo vento que a desfolhou.

D'ahi a pouco, os grupos mais retardatarios deixavam a feira, não sem contrabalançar os excessos da sua piedade christã com as rifas, os jogos de azar e as bebidas. Quando o adro da igreja já estava quasi deserto, foi Del-

phina fazer a sua offerta e as suas supplicas ao Santo.

Voltaram os sinos a chamar pelas sombras, e quando ella partiu, a Velha Cidade era outra vez aquelle ermo tão ermo que descorçoára o Doutor Chrysostomo, no periodo da sua mais pujante florescia oratoria, a ponto de elle rasgar a allocução de que Delphina conservava na memoria alguns fragmentos.

Ainda parece que estamos a escutá-la no seu primeiro regresso de Velha Goa, na tarde venturosa do apregoado milagre!

A's 5 horas da tarde a viuva do bacharel estava de volta. As ruas da villa viu-as desertas, na quietação morna dos grandes dias santificados. Delphina viera a pé desde o rio, mas não se sentiu cansada. Refor-

çava-lhe os passos uma certeza feliz. Ao dirigir-se para a sua commoda, debaixo da imagem do seu Protector Immortal, após uma entrada já sem estremecimentos nem hesitações, na casa que tanto a apavorára noutros tempos, ia segura da repetição do milagre. E' que ella tinha absoluta té em S. Francisco e sabia como orára naquelle dia de festa.

Com effeito, lá encontrou um sacco muito maior do que o primeiro e do mesmo modo cheio de rupias.

Fallou-se por aquelles dias que o padre Antonio tinha vendido uma varzea em Salsete por duas mil rupias. Entretanto ninguem relacionou os dois acontecimentos. Mas o padre lá fôra á hora precisa benzer a casa dos milagres.

Assim caminhavam os mezes, sem

que Delphina se mostrasse receosa de que S. Francisco viesse um dia a estancar a fonte perenne dos seus benefícios repetidos. A quantia, que ella encontrou na noute de 3 de dezembro, como era avultada, durou-lhe quasi um anno.

No fim lá tornou a viuva a caminho de Velha Gôa e o sacerdote para casa da viuva.

Pouco a pouco os pequenos iam medrando, e a despeza crescia. As digressões d'aquellas duas boas almas tiveram portanto o seu periodo de maior frequencia. O resultado era sempre positivo. Não havia pois duvida que Delphina era a dilecta de S. Francisco.

Um dia veio bater-lhe á porta uma familia tão desgraçada então, como fôra, ainda ha pouco, a viuva e os filhos

do Doutor Chrysostomo. Delphina tinha o uso da caridade sem calculo, a que muitos chamariam dissipação, se não fossem publicos os conselhos e admoestações do bondoso sacerdote. Sem tratar de saber se os beneficios miraculosos do Santo eram transmissiveis a qualquer desventurado...sem mesmo inquirir se a familia, que chorava a seus pés, tinha virtudes que justificassem a transmissão, logo lhe entregou o que ainda tinha em casa.

Na madrugada do dia seguinte bateu a viuva á porta do padre, como era seu costume sempre que ia a Velha Gôa. O sacerdote estava doente. Ao vê-la, perguntou-lhe com um sorriso entre surprehendido e tolerante:

—Já?!.

Delphina começou a contar o caso da familia necessitada, mas o padre depressa a interrompeu:

—Bemdito seja o milagre que assim te inspira. Vae, Delphina, vae; volta ao Bom Jesus. Até logo! . .

A viuva partiu, deixando a chave, como era seu costume. O padre chamou a si todas as energias da sua vontade, e ainda,ahi pela uma hora da tarde, tentou levantar-se...mas não pode. Pensou em mandar alguém em seu logar; havia porém um segredo que o presbytero queria fechar comsigo na cova para onde fosse dormir o somno quieto da sua facil decomposição. Para a tarde, a febre subiu a cento e quatro gráus, e o doente não pode ordenar que lhe trouxessem Delphina, logo que ella voltasse de Gôa. Delphina naquelle dia veio mais cedo. Quando entrou em casa, correu á commoda. O sacco lá estava debaixo da imagem de S. Francisco, mas vasio como ella o deixára. Um suor frio lhe humedeceu o corpo, e com elle

provou a pobre senhora todo o travor extremo da hora da agonia. Encostou-se depois ao primeiro arrimo em que tocou e não pode mais ter-se em pé. Quando cahiu desalentada, sobre a cadeira onde costumava sentar-se o velho padre Antonio, Delphina tinha um pallor cadaverico que sobresaltou as creanças.

No seu espirito só havia uma desesperação, interrogando:— e amanhã? . .

Já no seu coração nasciam queixas amargas contra a leviandade com que dispuzera sempre do dinheiro e contra a tolerancia do padre. Na sua ternura pelo velho, chamava-lhe apenas tolerancia. N'isto um creado veio dizer lhe que o senhor padre Antonio estava muito mal e queria fallar, ainda naquella noite, á senhora D. Delphina.

Delphina esqueceu immediatamente

o que momentos antes supuzera fatal. Correu a casa do doente. Encontrou-o com aspecto sereno. Tinha recebido a Extrema-Unção.

Mal Delphina entrou, o padre chamou-a para junto do leito e disse-lhe:

—Então?

Delphina apenas respondeu:

—Nada!

—Aqui tem,—atallhou o padre, indicando o seu estado,—porque eu não fui hoje benzer-lhe a casa; e deve ter sido de certo, porque a cerimonia foi incompleta, que o milagre se não realisou desta vez. Mas a culpa foi d'esta doença; e quem a contrahiu, e quem a aggravou? Eu. Todos me diziam que não me expuzesse ás chuvas da ultima monção...

Não pode mais; fez uma longa pausa. Depois sorriu muito candidamente e, cerrando os olhos, pergun-

tou-lhe se desejava alguma coisa para Chrysostomo, cahindo logo em seguida, mesmo antes de ouvir a resposta que a commoção embargava, no somno profundo de que só os anjos o terão acordado....

Delphina, passados os primeiros abalos d'esta segunda orphandade, quando o seu coração poude ganhar a certeza d'aquella perda irreparavel, não se dispoz a contar as novas saudades, a quem viesse ao encontro da sua dôr remoçada. Recolheu-se com as suas tristezas. A vida isolada, a que volveu depois, concluiu a obra do seu envelhecimento. Candidas lagrimas lhe ágoavam de quando em quando os olhos, muito praticados em chóros, desde que o orador profano se mettera, tão cedo, a abrir caminho ao prégador evangelico que só agora lar-

gára. E nunca mais os seus olhos se ergueram para a imagem de S. Francisco, nunca mais ajoelhou em frente d'ella, junto á commoda que lhe servia de altar, que não offerecesse metade das suas orações ao novo santo, aquelle padre Antonio, tão vivamente associado aos milagres das rupias.

Não fôra elle, o personagem que o Apostolo das Indias chamára a cooperar comsigo naquella obra tão sem copia nem arremedo?...

Uma tarde estava Delphina aceando os filhos, quando vieram dizer-lhe para se habilitar como herdeira unica do padre Antonio da Santissima Trindade e Sousa. Quasi não entendeu o que lhe diziam. Se ella, nem o nome todo do padre sabia! quanto mais das suas disposições! Pensou que estava sonhando.

A fortuna do padre, que orçára por umas quarenta mil rupias, estava reduzida a pouco mais de trinta mil. Duas clausulas figuravam nas disposições do bom velho: que a viuva publicasse numa edição de luxo os discursos e alloções do bacharel Chrysostomo, e os seus sermões, tudo compiado no mesmo volume; e que educasse os filhos em Coimbra,—patria d'aquella eloquencia impecavel, que vae sempre, pelo menos, até á concepção rigorosa do Infinito com os seus embaixadores terrestres, os guapos e insubstituiveis «principios absolutos!»

RUCUMINI

Chamavam-lhe a *Mótim*, a perola pequenina, o aljofar ; e, na verdade, se as perolas fossem como ella, quem não desceria ao fundo dos mares ?..

Vi pescar perolas, vi-as brilhar nas suas conchas escancaradas ao rubido sol de Ceylão, e juro-vos que o grande Krichna não fabricou para ellas o mais puro dos seus raios : a divindade teria dado todas as perolas dos oceanos pela pequenina *Mótim*.

. Não direi que endoideceu centenas de homens. Em Gôa, perder a razão, é sorte commum a grande numero de mortaes. Quantas pessoas, conheço eu, que enlouquecem em abril e maio, quando o calor aperta, e volvem com as chuvas a cobrar o siso !

Rucumini não podia endoidecer alguém. A sua belleza era pouco intelligivel. Só os aristocratas da sua casta teriam sabido decifrar as expressões mysteriosas d'aquella physionomia tão pouco humana.

• Não turbava os olhares, não alterava a respiração, não accendia o sangue, não enlanguescia os musculos... Tornava-nos contemplativos.

As obras sahidas de mãos divinas devem ser assim. Perante ellas a sensualidade abysma-se; atravessa-nos uma corrente clarissima que nos limpa de toda a bestialidade. Uma luz

toda pureza penetra-nos. Um primeiro grau de lucidez extasia-nos, deslumbra-nos e mostra-nos um mundo novo aonde a carne não sobe porque peza, porque se corrompe, porque cheira...

Rucumini, se não era uma criação divina, uma filha de Menacá ou de outra formosura eterna, tinha a eterna belleza das raras maravilhas, que alguns artistas de genio fixaram numa perfeição immutavel, durante mais de trez dezenas de seculos. Mas as madonas das telas consagradas terão luz de mais na estudada alvura da sua tez clara, para quem procure a ineffavel tonalidade das existencias celestes; uma carnação doente, esmaecida, para não serem banaes; um olhar de sonho para não verem o mundo; Rucumini não! Rucumini não se destacava, não sobresahia, se por

acaso vinha ao encontro dos nossos olhos ; não se fanava, crescia ; não tinha de sonhar para se alhear do mundo...

Como eu a vi ! Nem Laxemí, sobre a flôr de lotus, se envima mais delgada e esbelta ! respondendo a um desejo com uma intumescencia, faltando a uma promessa com um sorriso. Um requebrar anguiforme deixava indefinidos os relêvos que a puberdade começava a contornar.

Em torno d'ella, sentadas nos seus *patts*, tamboretos de lacreado, as mulheres da casa. A areca e o cardamomo perfumavam a sala. Rucuminí estava de pé ; o chôle, que lhe cobria os hombros apenas, era de seda amarella com uma barra levemente prateada. O panno rico, que lhe acompanhava os geitos de serpente, já vestira imagens sagradas nos idos tempos de esplendor

no culto. Ninguem sabia que seda era aquella que os annos pouparam.

O *puroito*, o sacerdote da familia, verificava com olhares surprehendidos, extranhados, a riqueza da offerta que o esperava. Como os bottos recebem sempre no fim da cerimonia o traje das noivas, costumam vesti-las de qualquer panno barato. O empobrecimento dos brahmanes levou-os a este ludibrio tolerado, por não quererem alienar os ultimos objectos valiosos, que a cubiça dos extranhos levará por fim. Por isso o botto, o sacerdote celebrante, olhava surprehendido, incerto do que as suas pupillas lhe annunciavam.

O pae da promettida fôra sempre um aristocrata, até no desapêgo das suas preciosidades, e não era pelo que o botto levasse que a sua Rucuminí estaria menos opulenta naquella noite de ostentação. De resto o que

era um panno e um chôle,—sagrados que fossem!..para quem ia ficar sem a sua *Môtim*.

As mulheres continuavam em torno d'ella, como se estivessem vedando o acesso ao sacrario dum pagode.

Opprimiam-na todas as joias da familia. O oiro fatigava-a com o seu pezo macio; mas dava-lhe ao mesmo tempo um ar de orgulho e de soberania. O *bugddi*, que se usa na parte superior da orelha, tinha dois diamantes antigos, montados em prata, segurando um travessão de oiro, onde girava uma enorme perola oval. O *karáb*, tambem na orelha, mas um pouco mais abaixo, e o *gumá*, por cima do orificio do ouvido, eram dois globos de aljofres que o *ganttésârpoliô* aloirava, tombando das fontes. O *chêuntém*, as flôres de oiro em oscillação, escondiam nas corollas o orvalho dos

seus diamantes. Onde os pés das flores tocavam no cabello, d'ahi partia o *gulki* e o *gonddoboirão*, um jogo de cadeias de oiro que lhe pendiam sobre a nuca. No alto da cabeça o *cuandâli*, semelhante a um resplendor. Finalmente prendia-lhe os cabellos, de lado a lado, como se estivesse ali para sustentar aquelle toucado que o pezo das joias pôdia fazer tombar, uma passadeira de oiro, o *surungã-oleçôr*. Um afogador de velhos esmaltes apertava-lhe o pescoço, emprestando-lhe assim tenacidade para não dobrar sob tão custoso fardo! Um grosso *gagâriém* limitava-lhe os collares e, pela sua pressão, fazia descer sobre o peito o *veligâlçâri* cujas pedras pareciam mais bellas, menos aggressivas no seu scintillar, porque reflectiam o rosto da linda Rucumini.

Umagrande pinta escarlata, o *tillô* de *pinçôr* desaparecia sobre o *tillô* de

gala, todo rubis e diamantes, que, na testa da noiva, esmorecia um pouco a vivacidade do seu olhar infantil; e o *nôth* alongava-lhe ligeiramente o nariz com o pezo das perolas.

Lembro-me de ter visto nos braços dum idolo o *nagmuddi* de oiro que lhe apertava o antebraço, e o *baikhuri* do sangrador. O *toddó*, nos artelhos, eram grossos grilhões de prata massiça que lhe dificultavam os passos, quando ella tinha de se mover durante o ceremonial d'aquella noite.

Iam casal-a. Tinha onze annos apenas; e comtudo já era tarde. Até aos oito consente a lei; aos nove, aos dez... a decadencia da raça veio até aos dez; mas com onze! .. Rucuminí foi das primeiras.

Indecisão dos paes que, sendo ricos e vendo-a tão linda, a deixaram ser criança, emquanto foi possível.

Mas, por fim, outra familia nobre pretendeu a alliança, cubiçou o dote, approximou-se... e Xapurcar mereceu-a.

Xapurcar tinha quatorze annos. Ultimo renovo duma raça anemica, amolentada, moribunda quasi, era doente, era myope; tão magro e tão debil que andava curvado como uma aboboreira ao pezo dos fructos. Tinha a côr dos pergaminhos antigos, os ossos brandos como cartilagens, e os musculos eram pélas furadas. Uma criança sexagenaria. Através dos oculos via-se-lhe um olhar, que uma grande sagacidade não lograva desamortecer.

Acompanhei o corteio do seu casamento. Se não fosse o esplendor das festas teria supposto que o levavam a

caminho da outra vida. Com a trunfa muito joiada, quasi adormecido, no meio do estrondear dos fogos, da musica, da agitação dos bailados, o corpo franzino de Xapurcar desapparecia numa especie de manto de seda vermelha galonado de oiro. Se a umbella, o *sântri*, o *suriâ-pân* e outras insignias do pagode, que ladeavam o seu palanquim, não lhe tirassem o luar de cima do rosto macilento, extenuado, todo aquelle regosijo teria um signal de morte. Mas o cortejo ia soberbo.

A's 8 horas da noite senti grande reboliço na residencia do noivo; em seguida o largo, para onde deitam as janelas da minha casa, acordou das trevas, a que o municipio condemna a cidade inteira, quando a folhinha nos garante crescente. Junto á casa do noivo começaram a apparecer figuras

mais ou menos vistosas, e dentro dum quarto de hora rompeu o cortejo.

A' frente, duas alas de tocheiros, com enormes brandões accêsos, ladeavam o caminho com dois traços luminosos. Depois vinha a musica gentilica, ruidosa e duma monotonia apenas, de vez em quando, disfarçada pelos sons voluptuosos do *sarangui*. Seguia-se-lhe o côro das bailadeiras, envoltas em donairosos *pitambârân*, pannos de seda das mais finas côres, com a *zâra*, uma barra entretecida a oiro,—consequindo o aprumo cervical á custa dum esforço visivel para vencer o pezo das joias.

O côro cantava e bailava em movimentos langorosos e leves, como se receasße acordar um deus. O seu canto era fluido e oleoso como as águas das fontes, que estão a uma grande altura, e subia num garganteio

serpenteado, que se enovelava nos ouvidos com volupia — como o fumo no ar. Mas não cantavam sómente, bailavam também, com aquella graça feminina da mulher de corpo esguio e pé visível apenas! As sedas e as joias brilhavam numa cantante vaidade e num desafio de scintillações, á luz nitida e empallidecedora dos fogos de Bengala, — que depois d'ellas continuavam o cortejo, em duas alas eguaes. Logo depois appareciam as gentias brahmanes, todas juntas, dentro dos seus *pameriô*, pesados mantos sem cauda, e arreadas com os mais ricos e custosos trastes.

O enfeite dos brahmanes é a perola, e em perolas se afogavam todas ellas.

Que perfume, que roçar lascivo quasi, na proximidade dessas mulheres! E' o cheiro dos trastes, dizem aqui. Sim, era; era o aroma dos zaiôs, do cardamomo, dos pandanos!... Era um

suavissimo tom de sandalo e um adivinhar do *ud-bâtti*, o incenso dos pagodes. Era a verdade de um cortejo oriental, indiano, com todo o character consuetudinario, com toda a poesia immutavel do antigo, do longe, do que foi e é conservado ainda sem alteração.

Os trastes duma gentia, postos num quarto nosso, em plena Lisboa, teriam o poder, pelo seu perfume, de nos fazer passar uma noite inteira no Oriente, sem grande esforço de imaginação.

Não é facil imaginar como estavam os meus sentidos tão jejuados de exhibições galantes, na presença d'aquellas figurinhas delicadas, esguias, esbeltas, dentro dos seus pannos ricos, que num capricho instinctivo de bom gosto deixavam apenas adivinhar o oiro e as perolas que adornavam o busto, os braços e os artelhos das mulheres de Brahma.

Que nuvem de mulheres! Passavam

e não se ouvia o ruído dos passos; surgiam e não se dava com a luz dos seus trastes; mas, na linha elegante dos seus typos aristocraticos, num vivo gosto de não serem notadas, num desejo nervoso de se confundirem e desapparecerem entre as outras, faziam com que o cortejo se apressasse, por aquelle escapar timido, lesto e furtivo de quasi todas.

Ninguém ficava todavia sem uma lembrança. Podiamos não as seguir. Aquella rapida passagem bastava. No nosso fato, nos cabellos, na pelle, tinham batido por algum tempo as ondulações dos seus perfumes, e muito depois, ao longo de algumas horas de reminiscencias voluptuosas, haviamos de nos sentir, já longe, ainda chegados a ellas.

Atrás de tudo ia o gentio, que guiava aquelle bando de *gópicas*, dan-

do o signal de alta, de quinze em quinze passos. Mal soaya, a *chinga*, enorme e penetrante no estridular do seu grito, uns paravam,—e os que se haviam adiantado, recuavam, vindo collocar-se junto dos primeiros. A musica cessava o toque de marcha, as bailadeiras faziam o primeiro garganteado e os primeiros passos de dança, que as suas vozes cadenceavam, e os musicos seguiam também. Ao toque magico da *chinga*, trombeta admiravel! invocadora dos tempos heroicos da India, tudo se fazia sonoridade, luz e graça em torno d'ellas.

Os fogos de Bengala não se interrompiam um segundo. Eram numerosos os homens que os empunhavam, e os tocheiros lá estavam, indifferentes ao calor das chammas, esperando novo signal, para abrirem uma clareira de fogo nas sombras habitualmente silenciosas das

ruas de Pangim.

Com effeito, o signal não se fazia esperar; e lá se punha tudo novamente a caminho, para no fim d'outros quinze passos soar o invariavel toque de paragem, e toda a cerimonia se repetir da mesma forma. Apenas o canto e a dança das bailadeiras variavam, tendo cada estação canto e dança differentes.

Era isto um simples annuncio de casamento; e os noivos esperavam indifferentes, pelo enlace insignificativo para a sua pouca idade, no meio da alegria insensata dos seus parentes.

A par com toda esta galanteria, uma coisa completou a impressão deleitosa que sempre me deixam estas festividades gentlicas. Foi a impossibilidade de ver, através das galas d'aquelle trajar artistico, qualquer pé menos cuidado, algum corpo menos limpo, certa transpiração menos inodora. A alimentação

exclusivamente vegetal, o banho antes de cada refeição, o uso vulgar, que fazem de ágoas cheirosas, tornam estas mulheres os seres mais limpos da criação.

A's bailadeiras, — que já tinham dançado umas doze vezes, no ambiente insupportavel dos brandões accêsos e dos fogos de Bengala, — isto, na calorosa Goa, — não se lhes via o mais leve despontar d'esse lustre que a nossa pelle cria sempre após algumas horas de quietação — até !

Dançavam, cantavam, fatigavam-se, e a pelle ficava-lhes inalteravelmente com o mesmo tom de subtil empôo, conservando aquelle mate imperturbavel, de tradicional encanto, a contrastar com os rostos oleosos, rubicundos dos espectadores de ambos os sexos.

Junto á casa da noiva o enthusias-

mo recrudesciu. Para fugir ao estridor dos instrumentos gentilicos, ao vozear, ao tumulto de todos, forcei a multidão e entrei. Na escada fui recebido pelos maiores da família, uns brahmanes gentis, muito ligeiros, dentro de alvas cambraias, quasi transparentes, e com os seus barretes de veludo vermelho na cabeça, cuidadosamente rapada. O seu convite foi um premio para a minha imaginação, que corria parelha com os acontecimentos d'aquella noite. Subi. Como eu subi! Que desasocego de espirito! Uma curiosidade prevenida fazia-me desejar coisas novas. Uma experiencia deploravel dava-me para temer uma desillusão. Assim galguei aquella escada, mas ao chegar a uma das portas da sala principal, esta pobre terra mudou de rotaçãõ; o seu durar sem vida, a banalidade dos seus dias estacaram...

Rucuminí, ó minha doce Rucuminí!
Hoje, que o fumo do teu corpo terá percorrido toda a athmosphera, que na sua natural expansibilidade, num dilatar-se sempre, haverá transposto as barreiras inconsistentes deste castello de dôr, attrahido pela força de sympathia com que os deuses te desejaram... ainda hoje,—e saberás tu até quando, —te vejo como nessa hora em que a tua suprema indiferença, a tua formosura e a branda submissão do teu rosto me fizeram comprehender que na Terra tambem pode crear-se a perfeição.

Vejo-te ainda, agora, e as tuas joias e a seda do teu chôle refulgem como nessa noite em que Laxmi abençoou a tua figura celestial.

Casaram-te, e toda a cerimonia me pareceu um sonho. Como podiam os deuses querer-te captiva dum homem...

e que homem! Xapurcar era uma sombra. Comtudo o *xecun-divó*, a luz do bom agoiro, e o *coró*, com a ágoa da boa sorte, acompanharam-no. Viram-no assim feliz estes meus olhos seguros. A' entrada, teu pae recebeu-o contente, e lembro-me de que na cerimonia de *câniádan* havia em todos um contentamento sincero, quando as cinco mulheres, com pratos nas mãos e luzes aticadas, já haviam concluido os *arti*. Vi-o sentado a teu lado, no lugar que Rama não desdenharia. Quando teus paes faziam o *mâdupârca*, o offerecimento das substancias nectareas, cheguei a persuadir-me de que Xapurcar prelibava a novidade do teu convivio.

Mas depois,—quando os bottos seguravam o *antârpatt*, esse panno symbolico que vedava os olhos de ambos, Rucuminí voltada para o Oriente, Xa-

purcar para o Occidente,—pareceu-me que aquelles preceptores espirituaes das familias ali reunidas deitavam uma flôr a abotoar, num pantano mortifero. As preces pela prosperidade do laço conjugal, que os bottos dariam em breve, soaram-me como um canto funebre. E, quando apoz os *mângalastacã*, a offerta mutua das flôres em collar, ao som da recitação dos assistentes, eu reparei que já iam desvendá-los, e que a mãe do noivo se approximava com a luz *xecun-divó* para ver a noiva, pensei na linda Rucuminí; não succumbiria ella prostrada por uma ameaça?.. Xapurcar ia contemplá-la de perto. Acudiram-lhe as poesias religiosas recitadas então; e eu fiquei certo de que somente a unccão divina d'aquellas palavras evitára o deliquio. Ao som das palavras védicas que eu não queria profanar com a minha presença, desci aquella escada que melhor

fôra não ter subido. O que presenciára? Um sacrificio. A victima?.. uma criança ideal,— Rucuminí!

Contaram-me depois que a *Môtim* estivera triste durante o *câniádana-sâ-mâradhâná*,—o banquete com que fecham sempre este cerimonial frio, calculado, imperativo. A presença de Xapurcar fechára talvez o melhor dos sorrisos.

O marido ficou quatro dias em casa de Rucuminí. Durante este tempo houve grandes festas em familia, e todas as noites sahio o cortejo, sempre com a mesma pompa e acompanhamento. Ao quarto dia Xapurcar levou a mulher. A procissão triumphal terminou quando Rucuminí transpoz os umbraes da sua nova residencia. Mas, nessa noite, de certo por ser a ultima, as murdan-

gas resoaram mais soturnas, e as bailadeiras deram ao desennoellar dos cantos e á cadencia dos passos um tom quasi fatidico.

Rucuminí ia na cauda do cortejo. Sentada num palanquin doirado, de frente d'aquelle corpo quasi a desconjunctar-se, ao qual só uma certa subtilidade de olhar dava como vivo, esquecia-se de quem estava ali. Perturbada com o clarão dos fogos de Bengala, aturdida pelo estrondo das granadas, seguindo o rithmo ao canto das bailadeiras, a noiva não acompanhava o cortejo; os seus pensamentos iam talvez, áquella hora, informando algum protesto mudo, nessa interrogação confusa, que a sua consciencia nunca viria a saber determinar ao certo:

—Para onde me levam?!—lia-se-lhe nos olhos como um presagio funesto.

Na sua nova morada Rucuminí fugia do marido; mas ninguém reparava em tal. Entre os brahmanes os esposos, enquanto meninos, não vivem juntos. A estranheza da noiva, cahida entre gente nova, no meio de outras mulheres, o acanhamento dos poucos annos, uma vergonha natural, infantil, que ainda não é reflexão nem pudor, fazem-na evitar o marido.

Elle tambem, na indifferença sexual da pouca idade, na superioridade do seu sexo, no respeito pela verdura do pomo que nem sequer appetecera, cuidava pouco de encontros, de approximações de enternecimentos. E depois Rucuminí podia levá-lo para a sombra duma floresta, para o reoncavo duma montanha; iniciá-lo no antegosto da solidão, preformar-lhe, pela presença da sua figura ideal, o habito extravagante e puro das coisas divinas. Não tinha

porém a calentura amorosa; era um alvorecer, sem promessa de futuros rubores, a sua entrada na puberdade. Como havia a *Môtin* de lhe aquecer o sangue, a elle, coitado! ao misero consorte, que vinha com os vapores accumulados, com todo o arrefecimento duma geração ultima? . .

Mal Rucuminí dormiu sob o mesmo tecto que fizera Xapurcar tão debil, foi como um convite do céu para aquelle corpo tocado antes de amadurecido. Dir-se-hia que a *Môtin* viera para lhe tornar a morte uma ventura. Que brahmane, depois de comprehender a sua belleza, deixaria de sentir os deleites que a morte lhe franquea?! . .

Pobre humanidade! se de tempos a tempos, de seculos a seculos, não viessem á Terra d'estas amostras da belleza eterna que nos fazem levantar

os olhos para os astros, e pretender descobrir, além da sua fixidez luminosa, um outro existir differente para onde elles nos encaminhem como eternos pharoes!

Durante dois annos acabou Rucuminí a educação d'aquelle espirito que tão pouco se abeirava da Terra.

Emquanto a *Môtin* fazia o toucado das suas novas companheiras, as mulheres da familia de Xapurcar; emquanto lia episodios do Ramayana, alguns *kadambaredá, ariá* de Moropânt, a Xacuntala... e se insinuava na ternura molle da familia do marido, pelos seus prestimos e pelas sollicitudes constantes, Xapurcar padecia sempre. Mas era um padecer resignado. Era um caminhar unguido para o desenlace que lhe sorria—talvez. Era um soffrimento sem cura que se acalmava, que se perdia, como se elle estivesse na vizinhança

duma divindade.

Quantas vezes, ao contarem-me os ultimos momentos de Xapurcar, me lembrei de Hypolito, adivinhando Diana pelo cheiro purissimo e celestial que a deusa espalhava em volta de si!

Tinha Rucuminí completado treze annos, havia quatro dias, quando a natureza lhe deu o derradeiro signal da puberdade. Já podia ser mãe,—disseram. Oito dias depois celebraram os *onttiô*. Foi muita concorrida a solemnidade. Os paes da *Môtin* continuavam a querer-lhe muito.

Rucuminí, no throno da virgindade, debaixo dum sobrecéo de flores,—oh! as flores da India, que nos adormecem e nos adoentam,—era uma rainha de epopêa... d'essas que desceram aos thronos do mundo e não os acharam indignos da sua majestade celes-

te. A sala estava cheia de mulheres da amizade e parentesco das famílias de ambos. Por sua ordem foi a *Môtim* recebendo as ofertas. As mulheres aproximavam-se uma a uma, deitavam-lhe arroz no regaço e enchiam-lhe o concavo do panno, com chóles, pannos, côcos...

Houve depois a ceia dos homens. Xapurcar ainda chegou a collocar-se no seu *patt* e a receber o seu quinhão de doce e fructa: o *laddü*, uma bola de farinha de grão com amendoas e assucar, *capã* de côco e assucar, *penddé* com leite e cardamomo, e o *bécan-laddü*; depois, ainda havia bananas e goiabas, tudo disposto em folhas verdes de bananeira muito largas e frescas.

Mas a noite dos *onttiô* de Rucumini foi a vespera da sua viuvez. Xapurcar cahiu com as folhas do *pimpála*, a arvore sagrada, a arvore do pagode, ao sôpro

dum terral desabrido, que substituiria rapidamente, sem um dia de transição—sequer, os ardores dum outubro asphyxiante.

Na madrugada do dia seguinte, quando levaram para a fogueira o corpo de Xapurcar, abeirou-se de Rucumini o barbeiro da casa. Então a linda *Môtim* estendeu o pescoço, inclinou a cabeça, e com serenidade, indiferença, desapêgo, com heroismo,—seria! apresentou-se para o sacrificio.

Nem o orgulho das grandes convicções, nenhuma paixão dominante, estamparam jamais igual impassibilidade. E comtudo a condemnada ia perder os mais lindos cabellos negros de mulher indú.

Ai da *Môtim*! Nunca mais as suas madeixas descirão a acariciar-lhe os hombros; nunca mais soltará as tranças

apertadas para encasular a sua figurinha de illuminura dentro d'aquelle manto oloroso !

Ninguem assistiu á execução; mas quando, nesse dia, se espalhou a noticia da morte de Xapurcar, quantos se não lembraram d'aquelle firmamento nocturno, que eu vira gloriosamente constellado, dois annos antes, na noite do casamento ! . .

Eram aquellas tranças que iam cahir. Era a cabeça de Rucuminí que tinha de ficar como o craneo dos cadáveres que vão para as salas de anatomia. E tinha só treze annos a *Môtim*, — tinha treze annos !

De pescoço estendido, ei-la que espera a thesoira do algoz que lhe compõe os cabellos para os cortar, em dois ou trez golpes continuos.

Quem não derramaria uma lagrima perante o sacrificio ? !. Rucumini nem

sequer se interessou no acontecimento. Sabia que era forçoso obedecer; obedeceu. O carrasco executou, e o pavimento do quarto, onde a fizeram calva, para sempre, recebeu os despojos.

Quando o barbeiro acabou de rapar á navalha aquella cabecinha perfeita, a viuva tirou o *muhurtâ-mâni*, o globo de oiro que Xapurcar lhe puzera ao pescoço, na noite do casamento, e entregou-o ao barbeiro. Era mais um preceito consagrado que ella cumpria. . .

Depois pareceu-lhe que tinha frio, e puxou para a frente um grosseiro panno crú, vil associado á sua viuvez despresivel. Comtudo, a sua cabecinha nua, e este lobrego trajar não a diminuiram em graça nem lhe nublaram a formosura. A singeleza ficava-lhe bem. A que fôra bella entre joias e tecidos caros, não o seria menos, agora, desguarnecida, mutilada !

Quatro dias depois teriam vindo os bottos para o *gárbadán*. Então se uniriam os esposos, e essa noite, não appetecida, rolaria impura e pesada para a mulher de Xapurcar. A morte do marido salvou a *Môtim* d'esse attentado; e a sua virgindade illesa suppria com o viço moderado duma adolescencia casta, com a frescura da flor sylvestre, as galas dos seus cabellos perdidos e dos seus trastes abandonados.

A viuva de Xapurcar era agora outro typo de belleza. Estava a pedir algumas palavras dos Vedas, um altar, offertas... Mas não podia ser novamente sacrificada. A inexoravel lei de Mânú levá-la-hia outrora para a fogueira do marido. Hoje, os parentes a consummirão nos pratos, nas privações, nos desdens a que estão sujeitas as viuvas dos brahmanes.

Alimentam-nas pouco, apenas uma

vez por dia, para que uma debilidade constante as contenha bem longe do mundo da carne! Obrigam-nas a banhos diários, mesmo que estejam doentes... Foi por uma existencia toda cerceamentos, toda de abstenções forçadas,—para evitar qualquer assomo de vitalidade e tambem para apressar os estragos, a velhice, a morte,—que ellas trocaram a *sâti*.

A Rucuminí, como era nova e como era bella, decretou-lhe a familia todos os rigores da viuvez.

Que crueldade hypocrita! Que prevenções infundadas!

Onde está a mulher brahmane, a quem a excitabilidade dum organismo menos enfraquecido, tenha levado a procurar uma satisfação sexual? A mulher indú não ama, submete-se. Numa passividade herdada, transmittida de longe,

desde muito longe, sempre sustentada pelo acatamento ás leis divinas, originaes, e pela conveniencia dos homens, os fortes, os que mandam, sem poder nem vontade, rende-se por obediencia. Não resiste, porque só conhece o respeito cego ao homem da sua casta. E esta submissão, sempre certa, quando é mais facil? Quando um resto de energia as anime ainda a um primeiro movimento de opposição, ou quando uma fraqueza extrema as deixe logo prostradas aos mais frouxos desejos dos que as accomettem?

— Todo este systema hypocrita de anniquilar a mulher, porque a morte a desacasalou, cahiu estúpida e desapiadadamente sobre a espirital *Môtin*.

Precisaria Rucuminí de que lhe tonificassem a virtude, — emagrecendo-a; a indiferença honesta de quem não soube o que era amôr, — adoen-

tando-a, promovendo o seu envelhecimento precoce?.. A sua historia o nega; mas nem por isso lhe valeram...

Pobre Rucumini! para onde te leva o teu destino irritado?... Para que te fizeram formosa os que fulminam a tua formosura?!

Na vizinhança da casa, onde habitava Rucuminí, vivia um brahmane aparentado com a familia da viuva. Sitarama é o seu nome. E' baixo e reforçado, embora os musculos abanem com os movimentos do corpo. Tem os maxillares superiores muito salientes, e uns olhos que a cubiça ou a concupiscencia podem fazer saltar das orbitas pouco amplas e recurvadas. Os labios são grossos e quasi inconvenientes.

Falaram-me dum cruzamento na sua ascendencia.

Sitarama viu Rucumini e lembrou-se de que ella era pura. A virulencia do seu character, os ardores do seu temperamento appeteceram aquelle refrigerio. Soube-lhe bem aquella profanação. A perversão tem muitas vezes destes requintes. O crime interessava-o mais do que os encantos da victima, que o seu feitio brutal não podia comprehender.

Espreitou a oportunidade e aproximou-se da viuva; não a attraheu, não tentou affeioá-la; subjugou-a. Teve-a nos braços, e a subjugada soffreu os desejos de Sitarama, com a mesma submissão com que inclinára a cabeça para aquella thesoira implacavel, no dia em que Xapurcar sahiu para a fogueira.

Como hade a bonina do campo, a que o orvalho da noite retesou a haste, resistir ao corte do arado, ao pé do lavrador, que a calca e soterra? . . .

Rucumini foi calcada, foi brutalmente polluida, como toda a mulher indú a quem a fatalidade se apresenta com o desejo, o poder dos seus, ou o dinheiro dos extranhos. . .

Victima duma sociedade que nunca lhe ensinou a ser forte, ou pelo menos esquiva, expiou a pobre criança o crime torpe, a culpa sem resgate, de ter vindo ao mundo tão arreigada ás exigencias dos velhos preceitos do brahmanismo. De mixtura com esta passividade irreflectida, uma predisposição para o ascetismo,—legado de algum solitario seu antepassado, encarecido pelas leituras sagradas,— havia criado nella o pensamento de desprezo pelo corpo e um desejo vago de expiação.

Assim, quem sabe se Rucumini tomaria apenas como uma durissima expiação a violencia proterva de Sitarama?

ma!.. E quem sabe se ella, que fôra sempre tão casta, não teve a immolação da sua virgindade pela maior prova de renuncia que podia offerecer aos deuses!

Mas quem a comprehenderia?.. Se a belleza da sua figura era pouco intelligivel, como haviam de entender-lhe as perfeições do seu espirito?

Venceu a banalidade, a hypocrisia, a cegueira.

Dias depois começaram os murmurios dos mais proximos contra Rucumini e contra Sitarama; mas contra Rucumini principalmente. Como o murmurar dos homens nesta boa terra é capaz de sobrepujar os maiores estrondos da natureza em furia, pela sua insistencia e acuidade, os rumores cresceram, propagaram-se, e não houve meio de evitar a expulsão dos culpados. Rucumi-

ni e Sitarama foram expulsos da casta.

Approximados pelo castigo, não os uniu a mesma sorte. Differente foi a fortuna dos reprobos.

Sitarama, em vez de afagar a victima da sua lubricidade criminosa, acudindo-lhe na dureza do isolamento, do abandono, da malquerença, lembrou-se apenas de si. Pudera! Rucumini era um ser inferior, d'outra cathegoria, pouco mais do que um animal domestico, com a immortalidade limitada— era mulher, emfim! e elle era um brahmane, um brahmane que urgia salvar.

Correu a Partagal, lançou-se aos pés de Xry Indará Canta, o seu bispo, e alcançou o perdão. Rucumini tambem lá deitou, quando teve saude para isso; mas não foi perdoada.

Pensou no *swami* Xry Vârâdendra Tirth; quiz ir ao mosteiro de Caxi, Benares, mas as forças trahiam-na. Amê-

drontavam-na com a idéa duma viagem maior. Desistiu. Metteu-se no primeiro casebre que o infortunio lhe abriu, e ali durou aquella doce criatura o pouco tempo que lhe restava para a sua completa libertação!

O desconforto, os desdens, os olhares condemnatorios e certas ousadias de alguns que a viam tão linda no abandono e na miséria abreviaram-lhe a partida. Uma anciedade grande, a unica dos seus poucos annos, ultimou-lhe a jornada. Rucuminí deve ter chegado ao seio dos deuses, restituída á sua existencia immortal, certa de que hoje os homens já não reconhecem uma divindade por mais bello que seja o seu involucro terreno, a sua encarnação —aprimorada!

Ha oito dias seguia eu pela praia

do Campal contando as vagas que se quebravam em espuma, além, na barra do Mandovy. A ondulação propagava-se pelo rio dentro, trazendo a ultima luz afogueada que o sol deixára sobre as ágoas do Indico. A' minha esquerda, na altura do pharol de Gaspar Dias, senti o ruido áspero de dois molhos de lenha, cahindo um sobre o outro. Como é ali que os gentios fazem as suas cremações, approximei-me do lugar para assistir mais uma vez a esse espectáculo em que se restitue á terra o que é da terra e ao fogo o que é do fogo. Uns sudras de casta infima apromptavam uma fogueira, escolhendo, nos feixes proximos, as achas mais seccas, mais cómbustiveis, e procurando a direcção do vento. Ao lado, sobre trez taboas de pinho estava um cadaver.

Perguntei quem fôra aquelle corpo

que elles iam queimar.

—Uma brahmane, senhor, — respondeu um dos homens: e logo, como se quizesse explicar o não haver ali mais alguém, senão elles, os que estavam preparando a cremação, accrescentou:—estava fóra da casta...

A pilha estava prompta, e dois d'aquelles homens levantaram o cadaver para o deitar sobre as achas.

O' mysteriosos poderes! O' influencia intangivel, secreta, mystica! Foi a minha imaginação que a figurou assim, ou os deuses lhe assistiram até á derradeira consumpção da sua formosura?!

Era Rucumini! a linda Rucumini! aquelle corpo que os homens alçaram. E eu admirei-a no vasto esplendor d'aquelle fim de tarde, com a mesma belleza pura e soberana da radiosa data

da sua primeira desventura.

Os ultrages, os vexames, o desprezo, o abandono ter-lhe-hiam corroido os ultimos assomos de mocidade; a pobreza e a doença levaram-lhe os tecidos murchados pelo regimen severo duma viuvez rigorosa; mas a Rucumini que elles deitaram sobre a lenha, a Rucumini que as chammas iam abraçar numa caricia exterminadora, era ainda a noiva de Xapurcar, a tentação de Sitarama.

Insinuou-se na tua pelle um bafo divino. Uma outra divindade te coloriu o rosto. Os deuses restituiram-te, naquelle instante, o que a ruindade humana te havia arrebatado. Por isso eu te contemplei momentaneamente em toda a grandeza da tua formosura não alliciante. Por isso te fixei na magnificencia do teu aprumo... naquella noite em que tu, de pé, rodeada pelas

mulheres da tua casa, sentadas nos seus *patts*, aguardavas uma cerimonia que não entendias... que era apenas uma distracção para os teus olhos.

Vi estremecer a tua figura clara, sustentada por aquelles homens muito negros que te puzeram sobre as achas; e nesse momento ainda eras tu a luz pallida e suave que no meio do crepusculo alumia a praia, o rio e, ao longe, o mar.

Delgada, hirta, com os olhos cerrados, numa impassibilidade que não estava longe da imperturbavel altivez dos teus dias, te reclinaram naquelle leito rude esses que, sahidos dos pés de Brahma, tangiam irreverentes no teu corpinho, creado pela cabeça da mesma divindade.

Apunhalavam-te as arestas e as hastilhas. Viva, sobre pontas de ferro, estarias tão quieta, muda e serena,—

se o teu ascetismo tivesse tido tempo de chegar contigo até ás mortificações da carne,—como ahi nessa ruma de lenha.

Os sudras largaram fogo junto á terra. As chammas subiram velozes e tiznaram a limpida *Môtin*. Depois o cadaver dobrou, torceu-se, fragmentou-se, e dentro duma hora Rucuminí era o fumo leve, uma nuvem azulada, que subia sobre o mar e annunciava a Vâruna que, acolá, ao alcance dos seus braços potentes, estavam as cinzas de Rucuminí—essa outra parte dos seus andrajos terrestres.

O sol ia longe; a noite desmanchava no ar o vestigio derradeiro da sua passagem triumphal. A *nâkchetra mâgá*, a decima estrella do anno, vivificava o rebrilho das suas scintillações, e aquelle corpo dividido, do qual ninguem reco-

lheria as cinzas, esperava desfeito um sopro mais forte de Váyú, um vento nocturno, que espargisse com elle os campos e o rio...

No meio do silencio, só contrariado pelo esfolhar das ondas na praia, ouvia-se o principio dum canto imprecatorio :

कां वृथा तस्य मनि होतां ॥ न कशी ॥ ममता ॥
तुमच्या चित्ता ॥ कां वृथा ॥ धृ० ॥

«Porque te abrasas em furia inutilmentê?
Como não ha ternura no teu peito?..»

Era um dos sudras, um dos incineradores da *Môtím*, entregando ao passado o leve constrangimento que o habito d'aquelles serviços ainda lhe consentia.

Os homens tinham-se afastado con-

versando indifferentes, e caminhavam ao longo da estrada que um palmar estreito separa da praia. Havia muito que eu deixára de sentir as suas vozes e o seu caminhar, quando ouvi os primeiros compassos d'esse canto que a distancia e a viração depressa interceptaram. Seria um trecho d'alguma representação no pagode!.. o unico acompanhamento que tiveram na Terra os hymnos com que os *gândhârvas*, os musicos do céu de Indra terão recebido a incinerada!

Rucumini! ó minha doce Rucumini!
Hoje, que o fumo do teu corpo terá percorrido toda a atmospherá, que na sua natural expansibilidade, num dilatar-se sempre, haverá transposto as barreiras inconsistentes deste castello de dôr, attrahido pela força de sympathia com que os deuses te desejaram... ainda ho-

je,—e saberás tu até quando,— te vejo como nessa hora suprema em que o eterno, o universal Agní apuroú a tua immortalidade. . . em que Vâruna enamorado d'essa nuvem azulada, d'esse fumo leve que de ti partira, apaziguou as ondas para o contemplar.

INDICE

| | |
|--------------------------------|--------|
| O meu Guia | |
| O Bacharel Chrysostomo . | |
| Milagres de S. Francisco . . . | IMANES |
| Rucumini | |

MARATHA

Acabou de se imprimir
este livro aos treze de janeiro
de mil nove centos e cinco
nas officinas da CASA LUSO-FRANCEZA.

EM
GOA

Composição typographica de:

Rogunatha M. Mudroto }
Dattá P. Naique Dalal } BRAHMANES

E impressão de:

Locximóná R. Tary Alornecar (Taci) MARATHIA